

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE
CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA
EDUCAÇÃO

IVANA GOMES DA SILVA

**PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO DE VÍDEOS SOBRE CULTURA SURDA PARA O
ENSINO DE LIBRAS NA GRADUAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DO OBALIBRAS**

Pelotas - RS
2020

IVANA GOMES DA SILVA

**PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO DE VÍDEOS SOBRE CULTURA SURDA PARA O
ENSINO DE LIBRAS NA GRADUAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DO OBALIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação do *Campus* Pelotas Visconde da Graça do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação.

Orientador: Prof. Dr. Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Co-orientadora: Prof. Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff

Pelotas – RS
2020

IVANA GOMES DA SILVA

**PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO DE VÍDEOS SOBRE CULTURA SURDA PARA O
ENSINO DE LIBRAS NA GRADUAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DO OBALIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação do *Campus* Pelotas Visconde da Graça do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação.

Orientador: Prof. Dr. Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Co-orientadora: Prof. Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff

Aprovada pela banca examinadora em

Dra. Angela Nediane dos Santos (Libras/UFPEL)

Dra. Cristiane Lima Santos Fernandes (Furg)

Dr. Fernando Augusto Treptow Brod (CaVG/IFSUL)

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente à minha família, especialmente à minha mãe, idosa, a quem eu cuidava ao mesmo tempo em que estudava e digitava os trabalhos. Ela teve muita paciência comigo nos momentos mais difíceis;

Aos meus orientadores Raymundo Filho e Tatiana Lebedeff por todo o apoio, orientação e aconselhamento;

À banca Angela, Brod e Cristiane Terra pela carinhosa avaliação, pelas críticas, contribuições e conselhos para melhorar a minha dissertação;

À equipe do ObaLibras, especialmente pelas filmagens;

À Comunidade Surda;

Às Tradutoras e Intérpretes de Libras que traduziram este trabalho: Paula de David e Lorena Oppelt, e Vitória Tassara por traduzir o resumo para Inglês.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi desenvolver vídeos para o ensino de Libras que incluam conteúdos de Cultura surda. Esse estudo se justifica pela minha trajetória como professora e pesquisadora da presente área, que visa olhar para os objetos de aprendizagem e métodos utilizados para o ensino de Libras como segunda língua para estudantes ouvintes. Foram produzidos três vídeos com participação de atores surdos que apresentavam situações cotidianas que evidenciam o jeito surdo de ser, diferenciando-nos dos ouvintes em alguns aspectos. Os vídeos seguiram padrão do Projeto Obalibras, do qual faço parte, na Universidade Federal de Pelotas. Após a edição os vídeos foram encaminhados para dois professores surdos em duas diferentes universidades, que ministram a disciplina de Libras para alunos ouvintes, a fim de que utilizassem em sala de aula. Após a utilização foi realizada uma entrevista com professores e vinte e nove alunos responderam questionários. Os resultados indicam que a maior parte dos alunos conseguiram identificar aspectos da cultura surda nos vídeos apresentados e foram capazes de conceitua-la, apesar de um dos professores, até aquele momento, não ter apresentado o que significa a cultura surda. Paralelo a isso, os professores surdos manifestaram a importância de ampliar a produção de vídeos dessa natureza, pois auxiliou na compreensão dos alunos, mencionando, inclusive, que com os vídeos não é necessária a presença do tradutor intérprete na sala de aula. Como encaminhamentos da pesquisa, será ampliada a produção de vídeos que evidenciem a cultura surda.

Palavras-chave: Materiais didáticos para ensino de Libras. Cultura surda. Experiência surda.

ABSTRACT

This work had the objective of developing videos that include deaf Culture content and that could be used for teaching Libras. This study is justified by my trajectory as a teacher and as a researcher in this area, and this research aims to look at the learning objects and methods used for teaching Libras as a second language for hearing students. Three videos were produced with the participation of deaf actors, that presented daily situations showing the deaf way of life, distinguishing us from hearing people in some aspects. The videos were produced following the Obalibras Project standards, which I am part of, at the Federal University of Pelotas. After editing, the videos were sent to two deaf professors from two different universities, who teach Libras to hearing students, so that they could use the videos in the classroom. After they used the videos, an interview was conducted with professors and twenty-nine students answered questionnaires. The results indicate that most students were able to identify aspects of deaf culture in the videos presented and were able to conceptualize it, even though one of the professors, until that moment, had not presented the meaning of deaf culture. Parallel to this, the deaf professors expressed the importance of expanding the production of videos of this nature, as it helped in the students' comprehension, mentioning that, using the videos, it is not necessary to have a translator/interpreter in the classroom. Concerning the next steps of the research, the production of videos that show the deaf culture will be expanded.

Key words: Didactic materials for teaching Libras. deaf Culture. deaf experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tirinha That deaf Guy	37
Figura 2 – Campanha para surdos	38
Figura 3 – Tipo de formação dos graduandos	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Entendimento dos alunos sobre os vídeos	43
Tabela 2 – Percepções sobre a cultura surda na ação docente.....	54
Tabela 3 – Qualificação dos vídeos	55

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASP	Associação de Surdos de Pelotas
FATEC/RS	Fundação de Apoio à Tecnologia e Ciência
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
OA	Objeto de Aprendizagem
Prolibras	Proficiência em Língua Brasileira de Sinais
UCPel	Universidade Católica de Pelotas
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	JUSTIFICATIVA	14
1.2	O PROBLEMA DE PESQUISA	15
1.3	HIPÓTESES	16
1.4	OBJETIVO GERAL	16
1.5	OBJETIVO ESPECÍFICOS	16
2	CONCEITOS E EXPERIÊNCIAS DA CULTURA SURDA	16
2.1	A CULTURA SURDA	17
2.2	A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS	20
2.3	A DISCIPLINA DE LIBRAS	22
2.4	TIPOS DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ENSINO DE LIBRAS E A CULTURA SURDA	26
2.5	O OBALIBRAS	32
3	METODOLOGIA	35
4	ANÁLISES	42
4.1	PERCEPÇÕES SOBRE OS VÍDEOS	44
4.2	IDENTIFICAÇÃO DA CULTURA SURDA A PARTIR DOS VÍDEOS	54
4.3	PROFESSOR SURDO COMO REFERÊNCIA DA CULTURA SURDA	56
4.4	A PRODUÇÃO DOS VÍDEOS NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS	57
4.5	A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS NA PRÁTICA DOS DOCENTES	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	66
	APÊNDICES	71

1 INTRODUÇÃO

A regulamentação da Lei nº 10.436/02 (BRASIL, 2002), através do Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005) determinou, entre outros pontos importantes, a inserção da disciplina de Língua Brasileira de Sinais – Libras, nos cursos de formação de professores, seja nos cursos normais do Ensino Médio ou nas licenciaturas da Graduação. Diante disso, pôde-se perceber a oportunidade de aprendizagem da Libras pela grande maioria dos universitários brasileiros. Decorre, dessa novidade, uma importante reflexão sobre os conteúdos que são abordados nessa disciplina e as formas como eles são apresentados.

A fim de aprimorar o trabalho desenvolvido na disciplina, no ano de 2011, um grupo de professores da Universidade Federal de Pelotas – UFPel – deu início ao projeto intitulado “Produção de Materiais Didáticos de Libras”, auxiliando na criação de materiais para as aulas de Libras, para que os alunos aprendam de forma mais contextualizada e lúdica. Considerando a minha experiência como surda e também como docente na disciplina, o presente trabalho busca investigar como é possível qualificar ainda mais os materiais produzidos, no sentido de promover maior identificação dos estudantes ouvintes não apenas sobre a língua, mas também sobre a cultura surda e seus artefatos.

Compreendo, nesse momento, ser importante apresentar algumas experiências da minha trajetória pessoal e profissional, que culminaram nessa pesquisa. No ano de 1999 um grupo de surdos e ouvintes da Associação de Surdos de Pelotas (ASP) e da escola Prof. Alfredo Dub se organizaram para participar de um congresso que aconteceu na cidade de São Paulo. Nesse evento, tive a oportunidade de conhecer muitos surdos que já atuavam como instrutores de Libras. Curiosa e instigada, perguntei a eles se realmente o surdo poderia dar aulas de Libras. Fui orientada a procurar a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), na cidade de Porto Alegre - RS, pois essa era instituição que ofertava os cursos de Libras.

Naquele ano, a Feneis, juntamente com a FATEC/RS (Fundação de Apoio à Tecnologia e Ciência), abriu o curso de Libras com duração de três meses, gratuito e

na cidade de Santa Maria/RS. Então, me inscrevi e fiz o curso, pois era a minha oportunidade. Assim, ao finalizá-lo ofertei um curso de Libras básico na Associação de Surdos de Pelotas (ASP), em parceria com a FENEIS, para alunos ouvintes, o que foi um grande desafio profissional. Depois desse curso, algumas instituições me procuraram, solicitando que eu oferecesse o curso novamente. Nessa época, eu realizava atividades como bolsista na Universidade Católica de Pelotas (UCPel) em um projeto que tinha como objetivo registrar a escrita em Libras.

No ano de 2002 me formei em Pedagogia e, logo após, em 2005 entrei como professora substituta na Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). No ano de 2007 fiz a Proficiência em Língua Brasileira de Sinais (Prolibras), modalidade ensino de língua, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 2008 fiz uma especialização em Educação Especial na Faculdade de Educação da UFPeL também, na UFRGS e, logo após, em 2010 aprovei no concurso para professor efetivo na área de Libras, também, na UFPeL.

Neste mesmo período, eu ministrava aulas de Libras na Escola Estadual João XXIII com o ensino de surdos. Algum tempo depois o curso foi transferido para a Escola Estadual Assis Brasil, onde trabalhei auxiliando alunos surdos nos seus processos de aprendizagem. Trabalhei em diferentes instituições de ensino como, por exemplo, Escola Municipal Pelotense, Faculdade Anhanguera, entre outras.

Diante desta caminhada acadêmica, apesar de já estar formada no curso de Pedagogia, sentia-me provocada com questões voltadas ao ensino de Libras e, então, no ano de 2006, tive grande oportunidade de aprofundar meus conhecimentos no curso de Letras-Libras, modalidade a distância da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com polo na Universidade Federal de Santa Maria – RS (UFSC/RS). Fiz a seleção e já no processo seletivo percebi o diferencial que o curso estava oferecendo, destacando o uso da Libras já na prova de ingresso e nas tecnologias utilizadas para as aulas e trabalhos.

Durante os quatro anos de curso pude aprender muito sobre as metodologias de ensino da Língua Brasileira de Sinais, bem como discutir diversas teorias linguísticas. No ano de 2011 me formei. Atualmente desenvolvo esse tema de pesquisa no mestrado em Tecnologia e Educação, no Instituto Federal de Educação

Ciência e Tecnologia Sul-Rio Grandense, no CAVG (Campus Pelotas - Visconde da Graça) – Pelotas

Hoje, atuando como professora de Libras no ensino superior, vivencio a necessidade de novas pesquisas sobre as metodologias no ensino da Línguas de Sinais, embora muitos estudos apresentem a elaboração de materiais para o ensino de Libras, sinto falta destes estudos voltados ao ensino superior. Assim, o presente trabalho se justifica pela minha experiência profissional que, como aponta Tardif (2002, p. 33), “a formação de professores ocorre a partir das seguintes fontes: currículo, profissionais ou até mesmo pelas experiências”.

Além disso, estive como professora substituta da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) no período entre o ano de 2005 e de 2007. Afastei-me por dois anos e retornei no ano de 2010 como professora efetiva, lecionando a mesma disciplina, com foco no ensino de Libras. Durante todo este período, os conteúdos se mantiveram inalterados, o que me levou a pensar na necessidade de investigar e inovar as metodologias utilizadas pelos professores nessa disciplina. E, por fim, entre os anos de 2011 a 2013 trabalhei como professora pesquisadora no Centro de Educação a Distância na UFPel, ministrando aulas de Libras para alunos de diferentes polos de ensino.

Porém, nem sempre os surdos dão esse primeiro passo, pois, de acordo com Castro & Marques (2017 p. 19) os relatos desses sujeitos se diferenciam, pois são marcados por sofrimento, lutas, perdas devido à surdez e pelo não respeito e conhecimento das suas especificidades linguísticas e educacionais. Porém, há um outro grupo de surdos que se vê capaz, tendo uma vida marcada por momentos de resistência, vitória e avanço no que diz respeito ao reconhecimento da sua língua, a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como meio de comunicação e ensino. Diante desses dois grupos, coloco-me no grupo que se vê agente do seu próprio processo de formação. Sou uma professora formadora, que se preocupa com o aprendizado dos alunos e que, junto com a comunidade surda, segue na luta por espaço e pelos seus direitos assegurados por lei.

Assim, vendo-me frente a uma turma de alunos ouvintes, questiono-me, pontuando o que é posto por Santos (2016, p. 13):

[...] como ensinar uma língua visual-espacial para futuros professores que têm como língua materna uma língua auditivo-oral? Como dar conta de ensinar uma língua em apenas um semestre letivo? De que modo abordar aspectos pertinentes à história da Educação dos surdos, identidades, diferença, representações, culturas, língua, etc.? Estas e tantas outras questões continuam inquietando-me e fazendo-me problematizar minha prática docente [...].

São estes mesmos questionamentos que me impulsionaram em direção ao tema escolhido para a investigação realizada nesta dissertação.

Sendo assim, atualmente, como aluna regular do curso de Mestrado, inquieta com todas as questões que envolvem o ensino de Libras na graduação, proponho o presente estudo, embora o curso seja um desafio para mim. Porém, percebi nesse estudo uma oportunidade de aprofundar meus conhecimentos e melhorar a minha prática, principalmente na valorização da minha língua e cultura frente aos estudantes ouvintes.

Atualmente participo do projeto ObaLibras, que tem como objetivo desenvolver vídeos na perspectiva de objetos de aprendizagem para o ensino da Libras. O projeto será apresentado mais adiante nesse estudo. Porém, preciso demarcar que percebi, durante a produção dos vídeos, a possibilidade de elaboração de roteiros que apresentem a cultura surda, de modo a deixar mais evidente para os alunos ouvintes algumas especificidades da comunidade surda, para além da língua. No mesmo sentido, propor a produção de vídeos com a atuação de roteiristas, diretores e atores surdos, possibilita, também, o reconhecimento das capacidades dessa comunidade. Desta forma, propõe-se, neste trabalho, a produção de vídeos para o ensino de Libras que tenham, como foco de narrativa, a cultura surda.

1.1 JUSTIFICATIVA

O presente projeto se justifica pela necessidade de aprofundamento nos estudos na área do ensino da Libras. Para que haja um ensino de qualidade dessa língua é preciso elaborar materiais para o ensino superior que esteja em equidade com a demanda e interesse dos alunos. Dentre os materiais produzidos também são necessários aqueles que reflitam a cultura surda, para que os alunos identifiquem os distanciamentos e aproximações dessa cultura, com a ouvinte. A presença de atores,

roteiristas e diretores surdos também é muito importante, para que os alunos compreendam a capacidade dessas pessoas em atuar nas diferentes áreas.

A partir da minha experiência como professora da disciplina de Libras, no ensino superior, pude observar que: embora haja muitos estudos que trazem a elaboração de materiais para o ensino de Libras, sinto falta destes mesmos materiais, porém, voltados ao ensino superior e que reflitam aspectos fundamentais da cultura surda, que são necessários para que os alunos percebam as diferenças cruciais que existe entre o mundo surdo e ouvinte.

Com esse trabalho abre-se a possibilidade futura de, também, oportunizar o ingresso de algum acadêmico surdo no curso de Cinema de Animação. Sendo assim, os objetivos da disciplina é apresentar não apenas a língua, mas a cultura onde ela está inserida. Por isso, é necessária a produção de materiais que evidenciem a cultura Surda, a fim de perceberem as diferenças, proximidades e distanciamentos entre a cultura surda e ouvinte.

Percebemos que muitos alunos concluem a disciplina sem aprofundar os conhecimentos sobre a comunidade surda, mas aprendem apenas sinais básicos para a comunicação. Como docente da disciplina, sinto-me, muitas vezes, em um processo rígido onde a cada semestre os alunos são colocados em grupos, enquadrados com um conhecimento padrão, mas nada profundo envolvente. Esse projeto vem nessa contramão, buscando aprofundar o ensino da Libras através da produção de materiais visuais que instiguem o aluno para o conhecimento mais amplo sobre o surdo e a sua cultura, para além da língua.

1.2 O PROBLEMA DE PESQUISA

Como o uso de vídeos em Libras, produzidos por atores surdos podem potencializar a percepção dos espectadores sobre a cultura Surda?

1.3 HIPÓTESES

Os vídeos contribuem para a compreensão da Libras em função da natureza da mídia favorecer o entendimento/compreensão da língua. Quando os materiais são produzidos por atores surdos, a percepção da cultura surda fica mais evidente aos alunos.

Este estudo poderá basear discussão dentre os professores de Libras, no sentido de repensar a produção de materiais e uma modificação estrutural e curricular da disciplina de Libras, assim como trazer à tona diferentes estratégias de ensino, viabilizando um maior conhecimento do aluno de graduação acerca das questões linguísticas e culturais que circulam na comunidade surda.

1.4 OBJETIVO GERAL

Produzir materiais didáticos de Libras, em formato de vídeo, que contribuam para a compreensão da cultura surda.

1.5 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Produzir vídeos que evidenciem narrativas da Cultura surda, para uso na disciplina de Libras;
- Conhecer a opinião dos docentes surdos da disciplina de Libras sobre as necessidades de materiais que evidenciem a cultura surda;
- Identificar as percepções dos alunos sobre os vídeos, no que diz respeito à cultura surda.

2 CONCEITOS E EXPERIÊNCIAS DA CULTURA SURDA

Neste capítulo apresentaremos alguns conceitos essenciais para a compreensão dessa pesquisa, que servirão de subsídio para as análises posteriores. Os conceitos básicos aqui discutidos envolvem a cultura surda, a Língua Brasileira de

Sinais – Libras, sua regulamentação e Decreto, a disciplina nas Universidades e a produção de materiais didáticos para seu ensino.

Como apresentado anteriormente, o foco dessa pesquisa é a presença e a evidência da cultura surda na disciplina de Libras ministrada para estudantes ouvintes. Porém, para compreendermos o que significa essas duas palavras juntas – cultura e surda – vamos começar discutindo o conceito de cultura.

Hall (1997) é um autor que discute as questões culturais, demarcando uma trajetória importante sobre como conseguimos hoje nominar que existem culturas diferentes, como por exemplo, a alta e baixa cultura, a cultura da mulher, a cultura negra, a cultura surda e tantas outras. Essa abertura, segundo o autor, se deve ao fato de que os seres humanos interpretam o mundo de formas diferentes, dão sentidos de acordo com suas experiências e subjetividade. Esses sentidos diferentes regulam a nossa conduta em relação a nós mesmos e aos outros. Segundo o autor, “estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas ‘culturas’”. (HALL, 1997, p. 16).

2.1 A CULTURA SURDA

Partindo desse conceito, começamos a refletir sobre a cultura surda, que é assim designada por se tratar da cultura vivenciada pelas pessoas surdas. A cultura Surda tem ligação direta com as formas de agir dessas pessoas, pois é o que lhe dá sentido e significação de mundo. Conforme Strobel (2018, p.29):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

É comum entre os surdos o relato sobre seu primeiro contato com a língua e a cultura surda. Geralmente esses relatos são muito semelhantes. Antes do conhecimento da língua e da comunidade surda os indivíduos contam que havia precária ou nenhuma comunicação com a família, sentindo-se isolados, sem informação, desconhecendo quem de fato são. Na simples visita a um clube, por

exemplo, quando não há a comunicação acompanhando a ação, os surdos apenas repetem o que veem os outros fazendo, como por exemplo, um surdo observou que as pessoas estão nadando, portanto, vai nadar também. Percebemos visualmente o que está acontecendo e simplesmente acompanhamos, sem nenhuma razão ou compreensão. Quando nos perguntam onde aprendemos a nadar, sempre relatamos que foi esforço individual de observação do outro e repetição dos movimentos, sem maiores esclarecimentos a respeito. Quando há a possibilidade do encontro com alguém que saiba nadar e também saiba Libras, então a explicação teórica dá maior sentido à prática que já vinha sendo desenvolvida. Então, o mecanismo de como acontece a natação fica muito mais claro.

Muitas vezes não temos outra alternativa a não ser desistir de algo por ausência de alguém que seja sinalizante para nos explicar. Por outro lado, quando a comunicação é fluente e acessível, a comunidade surda se empenha a aprender, pois isso é algo muito raro de acontecer.

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, conhecer o mundo, de nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do interprete, de tecnologia de leitura (STROBEL, 2018, p. 45).

Há uma ideia do senso comum a respeito dos surdos de que somos mal-humorados ou estamos sempre bravos. Isso não é verdade, porém, muitas vezes acontece pela ausência da comunicação, o que nos impede de compreender o que está acontecendo. Ou seja, estamos acostumados a viver no mundo majoritariamente ouvinte, onde nossa cultura é praticamente inexistente. Nesse caso, se torna complexo viver em harmonia quando não se compreende o que está a volta.

Nesse caso a cultura não apenas é necessária, como vital, visto que cultura surda se constitui dos modos e comportamentos que aproximam as pessoas surdas, que dizem respeito a conviver no mundo ouvinte, e que, principalmente, nos diferencia do mundo ouvinte.

Uma das evidências de que possuímos uma cultura que nos aproxima é justamente o fato do que acontece após o encontro de um surdo, que antes estava isolado, com a comunidade surda. A nossa identificação é imediata pela experiência visual, mas também, pelas situações que são relatadas, nas quais nos reconhecemos.

Há o encontro dos semelhantes, dos pares, dos que vivem as mesmas situações. A partir desse momento, não mais nos sentimos sozinhos, mas compartilhamos dos mesmos sentimentos, tristezas, dificuldades, expectativas e anseios. O encontro com outros surdos se torna o momento mais esperado do dia ou da semana, pois é quando as conversas acontecerão fluidamente, os assuntos serão discutidos, as informações serão conhecidas, as angústias serão aliviadas. São características culturais que aproximam e retiram o sentimento de ser único no mundo, mas de pertencer a algum lugar, que não necessariamente tem endereço fixo, mas tem alívio certo.

A cultura surda é formada por diversos artefatos, sendo que o principal artefato da cultura surda é a língua. Os ouvintes utilizam uma língua oral-auditiva. Nós, os surdos, utilizamos uma língua visual-gestual, pois está em acordo com a nossa cultura.

O que seriam artefatos culturais? A maioria dos sujeitos estão habituados a apelidar de “artefatos” os objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais, de fato, não são só formas individuais de cultura materiais, ou produtos definidos da mão-de-obra humana; também podem incluir “tudo o que se vê e sente” quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, tais como matérias, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc. Segundo constatamos em diversos autores nos campos dos estudos culturais, o conceito “artefatos” não se referem apenas a materialismos culturais, mas aquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo (STROBEL, 2018, p. 43).

Somos ricos na nossa sinalização, no contar histórias, no explicar as emoções, porém, faltam, ainda, muitos registros de como acontecem essas experiências. Alguns surdos, por exemplo, sinalizam de maneira muito clara com a utilização de classificadores, que nas línguas de sinais são “uma representação visual de objetos e ações de forma quase que transparente, embora apresente características convencionadas de forma arbitrária” (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 15). Dentre essas sinalizações encantadoras, há utilização de classificadores de maneira muito desenvolvida, que nem mesmo os sinalizadores surdos percebem, porém, não há registros disso, a fim de expandir a sinalização com uso desse artefato tão importante.

Outro artefato da cultura Surda, como explicou Strobel (2018), diz respeito ao comportamento das pessoas surdas, que em muitos aspectos se diferenciam das pessoas ouvintes. Porém, é preciso ressaltar, que muitas ações das pessoas surdas não são culturais, mas reflexo da falta de instrução de algumas famílias, como por exemplo, barulhos feitos ao caminhar, ao bater portas, durante a mastigação, entre

outros. Isso não é cultura surda, mas falta de instrução das famílias, que por sua vez, muitas vezes, não orientam os filhos surdos. Por outro lado, há comportamentos característicos do povo surdo, como a comunicação em Libras, a fácil percepção visual, principalmente na amplitude do campo de visão, e na rapidez com que somos captados por movimentos. Outra característica é o hábito da interação contínua com outros surdos, para troca de informações, conversas, comunicação em geral, que é tão carente dentro a família e demais pessoas ouvintes.

Em algumas casas de surdos, por exemplo, a parede da cozinha é retirada, a fim de facilitar a comunicação por meio de sinais. Também faz parte da cultura surda abanar para chamar outro surdo, conversar tranquilamente mesmo distante, pois a língua é visual.

Há também diversos objetos que utilizamos, como a campainha luminosa, a vibração do despertador para despertar, a ligação através de câmeras de vídeo, etc. Uma percepção que nem sempre os ouvintes têm é de que para os surdos o ruído é visual e não auditivo, ou seja, uma sala de aula com muitas pessoas sinalizando ou alguém fazendo algum movimento constante atrapalha a concentração, pois se torna um ruído. Nos esportes que utilizam apito, para os surdos a atenção é chamada através da movimentação de bandeiras de cores variadas. A associação de surdos também é um artefato da cultura surda, pois pela necessidade de encontro com os semelhantes, nos organizamos em associações de surdos e atividades que envolvam nossos interesses.

2.2 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

A Libras é a língua utilizada pela comunidade surda brasileira, como meio de expressão e comunicação entre os próprios surdos e, também com os ouvintes que são sinalizadores. A Libras não é formada apenas por sinais, mas é uma língua capaz de expressar ideias de forma abstrata, em todos os contextos.

O reconhecimento da Libras como língua da comunidade surda é uma conquista singular. É uma forma de promover a constituição das identidades surdas, permitir a manifestação em sua língua e a expansão desse conhecimento para as

demais pessoas da sociedade. Dessa forma, é crescente a oportunidade de comunicação em todos os espaços da sociedade.

Quais saberes sobre a Libras os graduandos precisam ter após a disciplina? Uma das principais questões é o reconhecimento de que é uma língua e não uma linguagem e que ela é a forma de expressão da comunidade surda e não de pessoas deficientes.

Segundo Strobel (2018, p. 53) “a língua de sinais é um aspecto fundamental de cultura surda”. Ela prossegue dizendo que é “uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais”. No mesmo sentido, essa língua nos permite transmitir e proporcionar a aquisição de conhecimento universal.

Porém, nem sempre pudemos utilizar as línguas de sinais de maneira livre, pois em alguns momentos da história sofremos “a repressão exercida pelo oralismo”, porém a língua “não foi extinta e continuou a ser transmitida, de geração em geração pelo povo surdo com muita força e garra” (STROBEL, 2018, p. 54).

A Língua de sinais é uma língua gestual, isto é, produzida pelo corpo (mãos, braços, face) e de captação visual e não é universal. No Brasil, por exemplo, a Língua Brasileira de Sinais – Libras é reconhecida como segunda língua do País, desde 24 de abril de 2002, quando o então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso assinou a Lei n. 10.436 (BRASIL, 2002). Desde então, temos ampliação da comunicação entre os surdos e ouvintes, porque muitos ouvintes estão se interessando cada vez mais em aprender a língua.

Após o reconhecimento através da Lei, tivemos em 2005 a assinatura do Decreto n. 5.626 (BRASIL, 2005), um importante documento que regulamentou o funcionamento e a divulgação da Libras no País. No Decreto, apresenta-se a necessidade da inclusão da Libras como disciplina curricular, da formação do professor e instrutor de Libras, do uso e da difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, da formação do tradutor e intérprete de Libras e Língua Portuguesa, da garantia do direito à educação das pessoas surdas, bem como a garantia do direito à saúde.

Quadros e Karnopp (2004) explicam que, há muito tempo, a língua de sinais foi inferiorizada, pois como não era reconhecida oficialmente, não havia muitas pesquisas científicas relacionadas a ela. Nesse período, os surdos que utilizavam as línguas de sinais eram desvalorizados, já que essas não eram consideradas um idioma. Em alguns momentos históricos, os surdos foram proibidos de utiliza-las, também, por falta de seu status como língua. Atualmente, graças a muitas pesquisas científicas, as línguas de sinais são comprovadamente o idioma das pessoas surdas, sendo usada para expressar suas ideias, como por exemplo: seus posicionamentos nos âmbitos político, linguístico, educacional e cultural.

2.3 A DISCIPLINA DE LIBRAS

A inserção dessa disciplina é fundamental para que os futuros licenciados percebam que a Libras é a língua dos surdos. Apesar de ser uma disciplina obrigatória, o futuro docente precisa perceber a necessidade de estar preparado para receber um aluno surdo em sua sala, ou até mesmo comunicar-se com um surdo. A disciplina também é a formadora de representações sobre quem é o surdo, suas identidades, sua forma de estar e viver no mundo. A disciplina não é apenas para o conhecimento dos sinais, mas para o reconhecimento de que nós, os surdos, podemos ser o que quisermos.

A disciplina de Libras é obrigatória nos cursos de Licenciatura, com o objetivo de estabelecer uma comunicação entre surdos e ouvintes. Porém, apenas a disciplina não é o suficiente para desenvolver uma comunicação satisfatória com os surdos. Dessa forma, estabelecer uma rotina de manter contato com os surdos, ao menos duas vezes por semana e, também, assistir vídeos disponíveis em Libras (existem muitos projetos que disponibilizam vídeos no YouTube, tais como além disso, costumo compartilhar, com os alunos, os vídeos produzidos na área de Libras da UFPel) poderão auxiliar na obtenção da fluência e evitam o esquecimento dos sinais. Assistir aos vídeos indicados pelos professores também auxiliam na revisão dos sinais vistos em aula. Esses vídeos são importantes, também, para compreender que há variações linguísticas nos sinais dentre surdos de outras regiões do País. Muitos ouvintes se remetem à Libras como uma língua linda, mas esquecem do comprometimento

necessário por ser a língua de uma comunidade, que tanto lutou pelo seu reconhecimento através de Decreto.

Ao final da disciplina, infelizmente, são poucos alunos que permanecem tendo contato com pessoas surdas ou se interessam por dar continuidade a pesquisas ou aprendizagens em torno da educação de surdos. A maioria dos alunos da disciplina imaginam que ao final dela não terão mais contato com surdos, muito menos terão alunos surdos. Porém, isso é muito provável. Quando eu era aluna, considero que meus professores não estavam preparados para me ensinar e isso me trouxe vários prejuízos, que senti muitos anos depois. Não gostaria que outros alunos surdos sentissem a mesma coisa, pois hoje temos a disciplina de Libras que oportuniza maior conhecimento sobre as necessidades educacionais dos surdos e sobre a sua língua.

Nas Universidades a história se desenha com outro formato, onde, de maneira formal e sistemática, os alunos chegam, aprendem o básico da disciplina de Libras e saem para o mercado de trabalho. Trata-se de um período em que tiveram o primeiro contato com a Libras, e as reações são variadas. Percebe-se que alguns são surpreendidos e, inicialmente, não apresentam muito interesse por de fato aprendê-la, pois são nutridos somente pela obrigatoriedade do que é imposta pelo currículo, mas, no decorrer das aulas, adquirem mais simpatia pela língua. Assim, o contato com a língua é instrumental, e, após conhecerem a Libras, os alunos são encaminhados ao mercado de trabalho capacitados para uma comunicação básica.

Assim, não são todos alunos que agem de tal forma, há os que retornam em busca de mais conhecimentos frente a necessidade de se comunicarem com os surdos. O esforço e a dedicação são bons aliados àqueles que buscam aprender uma nova língua, pois é necessário buscar esse conhecimento, associado ao contato com os surdos, pois no uso da língua é que o aluno consegue estabelecer e acomodar os novos sinais.

Na minha experiência, é normal que os alunos tenham medo da professora surda no primeiro dia de aula, pois não conhecem a língua e acham que não conseguirão se comunicar. Por vezes, o intérprete está junto para auxiliar especialmente para conteúdos teóricos, ainda que não participe das atividades prática da aula, quando os alunos somente praticam a comunicação com a professora e com

os colegas. Eu adoto uma postura calma e busco materiais didáticos variados e em Libras.

Em um segundo momento, na aula seguinte, o intérprete é importante para auxiliar no processo de entendimento dos alunos no que tange aos detalhes e combinações da disciplina. Já há, nesse momento, um esforço maior por parte dos alunos que preferem o contato direto com a professora, pois percebem que a comunicação acontece. Porém, o intérprete na segunda aula auxilia no entendimento de alguns conceitos básicos sobre língua como, por exemplo, o que é a língua, a vida do surdo em sociedade, enfim, o que está relacionado para com a vida desse sujeito.

Outro ponto importante é como chamar a professora para conversar ou tirar dúvidas, pois não é necessário gritar, levando em consideração que essa estratégia não chamaria a atenção da professora, pois esta não escutaria. É necessário o uso das mãos, como, por exemplo, o sinal de abanar. Assim, o processo de ensino-aprendizagem acontece de forma tranquila, pois, aos poucos os alunos vão se sentindo confortáveis por compreenderem a professora e conseguirem acompanhar o conteúdo.

As estratégias de praticar a língua também vêm da necessidade de cada aluno. Há alunos que têm mais facilidade e que conseguem se comunicar normalmente com a professora, em um processo paulatino e contínuo. Porém, há aqueles que têm muita dificuldade e precisam de maior atenção e orientação. Porém, isso só é possível dependendo do número de alunos que está em sala de aula pois, por exemplo, uma turma com aproximadamente 30 alunos é quase impossível dar uma atenção específica para cada um, mas se a turma é pequena o processo é mais fácil e é possível o contato mais próximo aos alunos.

[...] os conteúdos e os objetivos focalizam os aspectos linguísticos da Libras e o desenvolvimento de atividades práticas pertinentes a referida língua; e estudos relacionados à surdez na perspectiva cultural. As análises do questionário aplicado aos alunos mostraram que muitos, após finalizarem a disciplina de Libras, ainda se sentiam inseguros em receber alunos surdos em suas salas de aula. Os resultados da entrevista com a professora de Libras indicaram sua percepção sobre o principal objetivo da disciplina de Libras como o de sensibilizar os graduandos para o trabalho com alunos surdos por meio do conhecimento da cultura surda e da língua de sinais (ALMEIDA, 2012, p.1 *apud* SANTOS, 2016, p. 25).

De acordo com Almeida e Vitalino (2012, p. 13 *apud* SANTOS, 2016, p. 26), “é inegável o papel da disciplina para formar professores regentes que conheçam a surdez e suas especificidades, que envolvem questões linguísticas, culturais, cognitivas e pedagógicas, além de conhecimentos básicos de língua”.

A formação de professores para o ensino de Libras é tema do artigo “Inclusão escolar e a formação de professores para o ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais): do texto oficial ao contexto”, de Tavares e Carvalho (2010 *apud* SANTOS, 2016, p. 28). A pesquisa apresentou consistiu na verificação de dez editais de concursos públicos para o ensino de Libras em oito Instituições de Ensino Superior, localizadas na região Nordeste, no período de janeiro de 2009 a junho de 2010. Com essa pesquisa visou analisar o perfil do professor de Libras solicitado por essas instituições de ensino, a coerência, ou não, com o que estava sendo solicitado no decreto, bem como averiguar as ementas propostas para a disciplina Libras.

Ter a disciplina de Libras nas universidades brasileiras é uma conquista importante para a comunidade surda. Trata-se de um marco importante de luta pela valorização da língua de sinais e que corresponde a um passo no meio de todo caminho percorrido, e a ser percorrido, enfrentado e vivido pela comunidade surda.

No que tange ao processo de ensino-aprendizagem, é papel do professor e do aluno na universidade construir esse conhecimento (ALBERTON; ROSA, 2016, p. 31). Porém, é evidente que a lei acatou a demanda criada por uma história de lutas e que foi fomentada pela FENEIS. Trata-se de uma lei conquistada pela comunidade surda do Brasil que beneficiou o surdo em trabalhar com sua própria língua. Assim, pode-se afirmar que o trabalho na área de Libras, dentro da universidade, é novo, mas os cursos propostos por órgãos de apoio sempre existiram.

Para além dos sinais, os estudantes precisam compreender que possuímos uma cultura própria, específica, que parte da experiência visual. Dessa forma, poderão conhecer mais sobre as experiências da vida dos surdos, que contribuirão para, futuramente, ministrarem as aulas de acordo com as nossas características, nossa cultura. Eles precisam conhecer que os surdos têm outra forma de se relacionar, como se fosse outro mundo.

Já aconteceu comigo algumas vezes que os alunos pensaram que, por ser surda, vivo no silêncio absoluto. Houve uma ocasião em que fui ao bar da Universidade e alguns dos alunos estavam na fila e cuidaram para ver como eu me comunicaria. Eles não sabiam que eu era oralizada, então, imaginaram que a pessoa no caixa sinalizaria para mim. Mas, ficaram espantados quando eu oralizei, pois não imaginavam que eu poderia fazer isso.

Em outra aula, então, aproveitei para explicar as várias formas de relação dos surdos com as línguas orais, bem como as diferenças entre surdo, surdo mudo e deficiente auditivo. Nesse dia, também apresentei que tenho voz, ao gritar algumas palavras para eles em aula, quando, então, perceberam que eu não sou “surda-muda”. Em outra ocasião, quando percebi a vibração vinda do barulho em uma obra no prédio ao lado, impressionados, os alunos me perguntaram se eu conseguia ouvir. Então, aproveitei para explicar o que é o sentido da vibração para os surdos.

Essas surpresas dos alunos é por não conhecerem como é a vida dos surdos, ou seja, sua cultura. Por isso a necessidade da produção de materiais que sejam utilizados em aula, para que os alunos compreendam a realidade da vida dos surdos. Os materiais devem ser produzidos no formato de vídeos, principalmente, a fim de que os alunos observem situações cotidianas na vida das pessoas surdas.

2.4 TIPOS DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ENSINO DE LIBRAS E A CULTURA SURDA

A partir de estudos sobre a Língua de Sinais, alguns autores darão suporte teórico ao presente estudo. Tratam-se de autores que trabalham com diferentes metodologias de abordagem linguística e que visam o trabalho com o foco voltado ao público do ensino superior. Esses materiais são divididos em categorias para melhor organizá-los como, por exemplo, Linguística, Língua, Língua estrangeira, Língua de sinais e Linguagem.

Os estudos lingüísticos das línguas de sinais tiveram início no ano de 1960 com o pesquisador e simpatizante pela língua de sinais, Willian Stokoe. Em seu estudo, Stokoe propõem uma análise descritiva da língua de sinais americana, bem como de sua fonologia e morfologia o que incentivou a área da lingüística na época, tornando-se o primeiro estudo voltado à língua de sinais, já que os demais tinham como foco de estudo às línguas faladas. Diante disso, as línguas de sinais passaram a ser reconhecidas como línguas.

Assim, Willian Stokoe (1920-2000) foi considerado o pai da lingüística das línguas de sinais americana (QUADROS; KARNOPP, 2004 p. 9).

Nessa pesquisa não partimos da produção de materiais audiovisuais, tampouco utilizamos esse conceito, visto a especificidade cultural e lingüística da comunidade surda. Apesar da disciplina de Libras ser ministrada, na maior parte, para pessoas ouvintes, não utilizamos materiais onde haja legenda ou áudio em Português, a fim de que a língua presente no vídeo seja apenas a Libras. Nesse sentido, é preciso pensar o ensino da língua de sinais como ensino de Língua estrangeira. Professores de Inglês normalmente não oferecem, para os alunos, vídeos com áudio em Inglês e legenda em português no momento de apresentação dos materiais. Dessa forma, acreditamos que o aluno deverá empenhar um esforço muito maior para compreender o que está sendo sinalizado, ampliando as possibilidades de aprendizado.

Os vídeos podem ser utilizados como material didático em aulas práticas, nas quais os alunos tanto praticam o entendimento da Libras quanto são apresentados e entram em contato com a cultura surda. Assim, para que professores criem materiais para as suas aulas, a autora Gesser (2010, p.84) pontua que:

em primeiro lugar, é necessário que você faça experimentos a partir das atividades propostas no material, registrando se funcionam bem em que circunstâncias (entra em cena o professor pesquisador). Só a partir deste levantamento é que será possível reformular atividades e acrescentar e alterar os conteúdos. Além disso, cada contexto e cada aluno (conforme discutido anteriormente) têm suas características e necessidades imediatas, e isto dará o norte para as suas intervenções e criações. Exemplos de material lingüístico para casar com o conteúdo do livro podem ser textos diversos na forma sinalizada e/ou escrita.

Os professores assistem e selecionam criteriosamente os vídeos para elaborar as aulas que serão ministradas. Além disso, a mesma autora chama a atenção para que os materiais selecionados sejam adequados especificamente para o público alvo. Assim, ela sugere reflexões como:

pensar qual o objetivo que se quer alcançar, ou seja, faça a pergunta: o que pretendo que meus alunos aprendam nesta atividade? Para tanto, você precisa adequar a linguagem pensando sempre o nível de conhecimento lingüístico dos alunos e a forma lingüístico-comunicativa que quer se focar. Faça um banco de dados com outros colegas professores surdos, sistematizando todo o tipo de filmagem que possa ser trabalhado para ensinar a língua de sinais e aspectos da cultura surda. (GESSER, 2010, p.85)

Vídeos apenas em Libras também possibilitam ao futuro docente (como é a maioria dos graduandos para quem a disciplina de destina) a experiência do aprendizado em uma língua que não é a sua, como acontece com os alunos surdos, quando o papel for inverso, ou seja, o acadêmico na posição de professor. Muitas vezes estudantes surdos se veem em situações complexas em sala de aula, como por exemplo assistir a um vídeo oral, sem legenda ou tradução para Libras. Quando há a presença do intérprete para traduzir o vídeo, isso também não é adequado aos surdos, que precisa constantemente desviar e dividir o olhar entre o tradutor e o vídeo, perdendo muitos contextos. Esse prejuízo é acarretado porque as imagens do vídeo muitas vezes são complementadas pelas falas e vice-versa. No caso do aluno surdo, ou ele acompanha a tradução ou acompanha as imagens do vídeo, prejudicando o entendimento. Outro agravante quando é necessária a tradução de vídeos é que, na maioria das vezes, quando algum vídeo é apresentado as luzes são apagadas. Assim, não é possível visualizar com clareza a tradução do profissional intérprete, se transformando num ruído na comunicação.

Os vídeos sem legenda ou áudio, portanto, se transformam em um desafio para os estudantes ouvintes que desejam aprender a Libras. Se os vídeos em Libras apresentarem legenda ou áudio, os alunos obterão a tradução da sinalização, não fazendo o esforço mental para compreensão dos contextos e da cultura surda, prejudicando seu aprendizado da língua.

Audiovisual, num sentido amplo, significa vídeos sinalizados com a opção de legenda ou com a tradução oral, o que não é o caso nos roteiros que estamos desenvolvendo. Atualmente os materiais voltados para o ensino de Libras são disponibilizados em plataformas digitais (USP, SIGNA, Libras.com.br, Literatura surda, entre outros). Tal realidade é diferentemente de quando começou a criação desses materiais, pois eram em formato de livro, em que se desenhavam os sinais. Porém, com o passar do tempo foram aparecendo os primeiros registros com a utilização de câmeras e logo após os materiais audiovisuais.

Um problema evidente é a falta de recursos para a produção do acervo e materiais que possam vir auxiliar a comunidade no seu processo de ensino e aprendizagem de língua. Além disso, é necessário discutir sobre o tema elaboração de materiais em Libras, sendo todos responsáveis e engajados nesse processo. Outra

opção são os projetos de extensão, vinculados a Universidade, em que a comunidade surda, professores e alunos estão envolvidos na produção de material, diferentemente do ambiente escolar da Educação Básica em que há a produção de material pelos próprios alunos e que supostamente proporciona um processo de ensino e de aprendizagem significativo.

É impossível perceber que os alunos enfrentam grandes dificuldades em aprender a língua com a qual tem contato apenas uma ou duas vezes por semana, como a disciplina de Libras. A língua de sinais é uma segunda língua ou uma língua estrangeira para os alunos ouvintes, que têm como primeira língua português; o contato com a língua de sinais acontece apenas nas aulas, sendo pouco frequentes as interações linguísticas com pessoas surdas ou fluentes em Libras no ambiente extra-acadêmico, de convivência da comunidade surda local, por exemplo (SANTOS, 2016, p. 2).

Diante dessa caminhada de grande lutas e conquistas, a chegada das tecnologias também se somou ao novo olhar para a Libras, pois os materiais de ensino dessa língua foram se modificando. Antigamente, tinha-se matérias de apoio manuais, vídeos, cartazes, recortes, etc. Porém, a tecnologia trouxe novas possibilidades de construção de elementos que muito auxiliam na criação de novos materiais, permitindo ao professor propor aulas mais lúdicas e criativas e aos alunos de L2¹ mais interação com esses objetos de ensino-aprendizagem.

Na área de Libras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), buscamos desenvolver materiais didáticos para o Ensino de Libras para fins comunicativo, os chamados Objetos de Aprendizagem de Línguas. De acordo com Vetromille-Castro *et al* (2012), esses objetos de aprendizagem envolvem as competências gramatical, sociolinguística e estratégica, bem como olha para a Língua Estrangeira (LE) em situações de comunicação, oportunizando interações em situações reais e significativas de comunicação (*apud* LEBEDEFF; ROSA, 2016, p. 18).

O aluno ouvinte ao ingressar em uma universidade, em um curso de Licenciatura, terá como componente curricular a disciplina de Língua de Sinais como segunda língua — L2. Cada aluno com seu processo de aprendizagem e em diferentes graus de conhecimento. O pouco contato com a comunidade surda também faz com que esse aluno tenha mais dificuldade para colocar em prática o que

¹ Língua estrangeira

aprendeu. Diante disso, os materiais didáticos para ensino de Libras devem ser elaborados a fim de oferecer um conhecimento básico de língua para esses alunos.

Acredito que o aluno ao aprender a Língua de Sinais ainda encontra-se em processo de acomodar aquela nova língua. Não se trata de algo em que o aluno aprende e logo após já a utiliza em contato com o surdo. É um processo de acomodar aquele conhecimento, ter contato com os surdos e, assim, aprender a se comunicar.

É de extrema importância que o grupo de professores de Libras da universidade esteja engajado na criação de materiais, visando sempre a troca de conhecimento em prol dos saberes que serão oferecidos em sala de aula. Além disso, os professores precisam pensar em atividades relacionadas a realidade do aluno como, por exemplo, aquele que trabalha em uma loja precisa ter acesso aos sinais daquele contexto, pois ao ter contato com um surdo saberá conversar e oferecer a mercadoria certa. O conhecimento precisa ser contextualizado.

Há diferentes tipos de materiais para o ensino de qualquer língua. Porém, ao falarmos em Língua de Sinais, esse material deve ser específico porque trata de uma língua gestual-espacial. Os conteúdos digitais são vídeos com diálogos, documentários, histórias, filmes, glossários, roteiro e apresentações de *PowerPoint*. Além disso, é importante que os alunos sejam capacitados para produzirem seus próprios filmes e materiais, bem como editá-los, caso seja necessário ou solicitado. Os materiais didáticos não digitais compreendem os jogos de cartas, os livros que podem dar suporte aos conceitos, conteúdos, entre outros.

É de extrema importância ressaltar que muitas universidades adotam conteúdos e materiais semelhantes. Mas, é necessário que a categoria se una a fim de estudá-los e ver se, realmente, estes dão conta dos aspectos base que o ensino-aprendizagem de língua requer.

O ensino da Libras como segunda língua (L2) para alunos no ensino superior, deve trabalhar, primeiramente, a língua de sinais em seus aspectos básicos, usando estratégias de imagens e sinais de acordo com os conteúdos programáticos da universidade, de forma que amplie o interesse dos alunos. Compreender e praticar os sinais, construir frases, diálogos, narrativas e desenvolver esses conhecimentos em contextos que atendam à comunicação, são objetivos que devem estar presentes no planejamento da disciplina para que os alunos atendam as representações da Libras enquanto língua da comunidade surda. As aulas com foco no ensino da libras enquanto L2 possuem planejamento com aulas expositivas, dialogadas e materiais

didáticos como slides, apostila, livros, jornais/ revistas, filmes e leituras de textos indicados, ou seja, propor atividades variadas que despertem e estimulem os saberes (ALBERTON; ROSA 2015, p. 32).

Para isso, se faz necessário, avaliar o material, levando em consideração suas características como, por exemplo, os objetivos que se buscam e as necessidades dos alunos para o aprendizado da Libras. Vale lembrar que o uso de *slides*, *vídeos*, *sites*, *DVD's*, *pôsteres*, aplicativos, quadros, dicionário e imagens são exemplos de recursos que muito contribuem para o ensino de Libras em virtude de se ter como principal características o aspecto visual.

conforme apontado, a maioria dos estudos e publicações trata da análise de materiais publicados (análise e ou avaliação do produto final) e pouco sobre a elaboração destes (o processo de planejamento e desenvolvimento). Além disso, também é comum que muitas publicações sobre ensino de línguas estrangeiras não apresentem capítulos ou artigos sobre materiais didáticos (VILAÇA, 2011, p 1021).

O tema principal desse estudo está centrado na produção de materiais didáticos para o ensino da Libras. Sendo assim, trago o que é posto por Leffa (2007 p. 28), que as atividades propostas para o ensino de línguas têm sido tradicionalmente classificadas em quatro grandes áreas: (1) fala, (2) escuta, (3) leitura e (4) escrita. Assim, os materiais de ensino precisam abordar cada uma dessas habilidades, seja de modo separado, ou em que todas elas estejam dialogando, incluindo duas ou mais habilidades. Porém, quando o foco é o ensino de Libras, o foco de todo o processo de ensino-aprendizagem deve ser voltado ao visual. Assim, a (1) fala é o uso da Libras em sala de aula, a (2) escuta é ver o professor sinalizar e a (3) leitura é a visualização de vídeos. Apenas a (4) escrita ainda não é ensinada em Libras 1 porque o *SignWriting*² é pouco usada e difundida no Brasil.

De acordo com Gesser (2010), os materiais didáticos são classificados de duas formas: i) os de conteúdos digitais como, por exemplo, diálogo, documentários, histórias, filmes, glossários, apresentações com slides, entre outros e; ii) os materiais didáticos não digitais como, por exemplo: jogos de cartas e livros. Ambos os tipos de materiais precisam ser explorados em aulas que tenham como foco o processo de ensino-aprendizagem de línguas. Somado a isso, ainda de acordo com o autor, é necessário conhecer o grupo de alunos com os quais se trabalhará, pois as atividades devem ser pensadas de acordo com as necessidades e níveis linguísticos da turma.

² É o registro escrito da Língua de Sinais.

Nesse processo, o aluno deve estar comprometido a refletir sobre a língua, produzir suas narrativas e suas estratégias para seu processo de aprendizagem, porém o que não pode acontecer é que este invente sinais. Para isso, é importante o diálogo com o professor, que tornará o processo de ensino aprendizagem mais significativo e prazeroso. Além disso, o contato com os surdos proporcionará acesso à essa comunicação e à língua que o aluno está em processo de aquisição como, por exemplo, o aluno pode inventar jogos didáticos.

Somado a isso, o conhecimento sobre línguas perpassa as questões linguísticas e estruturais da língua, permitindo ao sujeito uma visão social e de interação com diferentes esferas da sociedade. Segundo Lacerda (2010), “Vygotsky (1984:1987) atribui fundamental valor à linguagem e seu papel na constituição dos sujeitos, das relações sociais e das relações pedagógicas.” Para Vygotsky (1989), a linguagem tem como primeira função, tanto para o adulto como para a criança, a comunicação, o contexto social e a influência sobre os indivíduos que estão ao seu redor. Assim, Vasconcellos (2004) pontua sobre o ensino de línguas que

Ensinar não nos exige apenas vontade, mas requer dedicação e comprometimento com a minha prática e com o que tem sido passado ao sujeito na condição de aluno. É preciso refletir sobre os desafios da realidade da sala de aula, percebendo as necessidades e carências nas metodologias para que seja possível buscar formas de enfrentamento e comprometer-se com a transformação da prática (VASCONCELLOS, 2004, p. 133).

É importante ressaltar que os produtos para ensino de Libras, para além do estudo linguístico, devem apresentar conteúdos relativos à cultura surda. Assim, como os cursos de línguas estrangeiras de outros países contextualizam a cultura local através dos costumes, culinária, do vestuário dos povos estudados, a Disciplina de Libras precisa mostrar ao aluno o que é a cultura surda, o sujeito surdo, o mundo com o qual eles entram contato, levando-se em consideração a língua, a identidade surda, as características relativas ao tipo de comunicação gestual-visual da língua de sinais, etc.

2.5 O OBALIBRAS

O Obalibras é um projeto desenvolvido na área de Libras da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, desde março de 2018 e conta com a participação de cinco

professores de Libras dessa instituição, dentre surdos e ouvintes, alunos da graduação em Letras Libras, tradutores intérpretes da Libras da UFPel e bolsistas do curso de Cinema de animação.

O projeto cria os roteiros com base no Quadro Comum Europeu de Referência para o ensino de Línguas. Os roteiros são elaborados por professores de Libras surdos e ouvintes e por Tradutores e Intérpretes de Libras. Além da produção dos roteiros, a equipe atua nos vídeos. Já foram produzidos mais vídeos com pequenas narrativas e, vídeos de glossário para cada episódio³.

No início do projeto, nos dedicamos a estudar questões teóricas sobre o ensino da Libras, bem como buscar trabalhos já desenvolvidos na área da produção de vídeos para a disciplina ou para o ensino de alguma língua estrangeira. Segundo Lebedeff *et al* (2018, p. 195):

Como não existem parâmetros para o ensino de Libras como L2 nas disciplinas dos Cursos de Graduação, a proposta do Obalibras foi baseada nos cursos de British Sign Language (BSL). Os cursos de BSL seguem um currículo comum determinado pelo UK Occupational Language Standards (CILT, 2010, p. 4). Esse currículo foi desenvolvido para ensinar habilidades e conhecimentos de língua necessários em ambientes de trabalho, e possui uma equivalência com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas.

As temáticas dos vídeos envolvem cenas cotidianas possíveis de acontecer durante uma matrícula, ou no deslocamento durante o transporte da universidade, durante o estudo na biblioteca, ou na procura por determinada sala na universidade, comentários sobre algum professor ou disciplina, entre outros.

Os vídeos produzidos não tem a função de ser uma vídeo-aula, mas um momento para desenvolver habilidades comunicativas através das narrativas com a apresentação de vocabulários sobre vários temas. Os vídeos tem, no máximo, 2 minutos e não configuram vídeos para estudo independente, mas para uso pelo professor em sala de aula.

Todo o processo de produção dos vídeos tem acompanhamento de profissionais com conhecimentos aprofundados na Libras, sejam professores de Libras ou tradutores e intérpretes da Libras. O enquadramento dos vídeos mais utilizados são “o Plano Médio e o Plano Americano e, utiliza-se, para facilitar a edição

³ Vídeos disponíveis em: https://www.youtube.com/channel/UCvd4qQ4_OR3w7kIgUSO-UpA.

do diálogo, a gravação em contra-plano” (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013 *apud* LEBEDEFF *et al*, 2018, p. 198 A maior parte das filmagens foi realizada dentro das dependências da UFPel, para facilitar o processo de locação e, dar maior realismo aos vídeos (LEBEDEFF *et al*, 2018).

Os vídeos são de qualidade reconhecida. Entretanto, o grupo de professores de Libras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) sentiu necessidade de um material didático mais customizado às demandas do ensino de Libras 1 (visto que a UFPel oportuniza disciplina de Libras) e, que atendesse as características de Objetos de Aprendizagem (LEBEDEFF, 2017 *apud* LEBEDEFF *et al*, 2018). Este trabalho sugere, portanto, que vídeos podem ser compreendidos como objetos de aprendizagem (OAs) para o ensino de Línguas de Sinais (CONCEIÇÃO; LEHMAN, 2002, LEBEDEFF; SANTOS, 2014 *apud* LEBEDEFF *et al*, 2018) e apresenta o projeto Obalibras – Objetos de Aprendizagem para o ensino de Libras, que busca produzir materiais didáticos para o ensino de Libras pautado no Ensino Comunicativo de Línguas

Os roteiros para o projeto Obalibras foram, portanto, produzidos a partir de três parâmetros: a) as habilidades comunicativas descritas acima, que trazem, em sua base, uma proposta de Ensino Comunicativo de Línguas; b) as características de OAs e; c) as sugestões para produção de vídeos para o ensino de Libras discutidas por Lebedeff (2017).

A proposta dessa pesquisa utilizou-se, portanto dos vídeos do Obalibras, a fim de potencializar a produção de vídeos que focassem mais na cultura surda.

A metodologia utilizada é apresentada a seguir.

3 METODOLOGIA

Para o alcance dos objetivos elencados para essa pesquisa, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, com especificidades metodológicas que acompanham a cultura surda. Portanto, traçamos o seguinte caminho: **Primeiro**, foi realizada a produção de três vídeos que mostram situações cotidianas dos surdos e que evidenciem a cultura surda. Os vídeos foram produzidos por procurando ser fieis à cultura surda, desde a elaboração do roteiro até a atuação. Foram três roteiros, conforme segue abaixo:

O primeiro vídeo produzido foi sobre o “ruído visual”, para o qual foi utilizado apenas o plano de frente, sem mudar o foco ou a direção da filmagem. Os atores representaram alunos observando um professor sinalizando à sua frente.

O segundo vídeo feito foi “Mastigar e conversar, pode?”. Esse vídeo foi feito apenas no plano de frente e em uma única tomada e teve menos de dois minutos de duração. Nesse vídeo apresentam-se atores voluntários que aceitaram participar das filmagens.

O terceiro vídeo foi da campanha luminosa, do qual também participaram três atores voluntários. Nesse vídeo realizamos tomadas três diferentes ângulos: o primeiro do ator que representava o professor, o segundo foi realizado bem próximo das duas atrizes que representavam as alunas (próximo para visualizar bem os sinais), terceiro da campanha luminosa.

Minha experiência no projeto ObaLibras começou com uma discussão sobre os três temas, com pontos positivos e negativos, sendo esses em menor número. Foi um trabalho intenso de discussões sobre os roteiros. Com os roteiros definidos, iniciamos o treino das encenações e a organização dos takes de câmera. Anteriormente tínhamos no projeto um bolsista que fazia as filmagens e era formado na área. Porém, com sua saída, outra pessoa sem formação deu continuidade às filmagens.

Após as filmagens os vídeos foram entregues para um bolsista que fez as edições necessárias, bem como a colocação do título no início e dos créditos ao final.

Todo o processo de pensar os vídeos, desde os roteiros foram realizados por voluntários, que igualmente nutrem a preocupação de produzir materiais que possam ser utilizados em aula para o ensino da cultura surda aos estudantes ouvintes. Todos tínhamos a percepção e o entendimento de que os materiais precisam ser variados tanto em quantidade, quanto em temas, ampliando o número de vídeos apresentados em aula, somados as folhas estáticas e os *power points*. Dessa forma, com muitas expressões não manuais, todos os parâmetros da Libras poderiam ser identificados nos vídeos.

Após os vídeos estarem prontos, foram inseridos no canal do ObaLibras, a fim de que os alunos pudessem assisti-los e identificar os traços de cultura surda em cada um deles. Os vídeos, inseridos publicamente no canal, poderão ser vistos por várias pessoas espalhados pelo Brasil, a fim de dar sua opinião sobre o mesmo, se gostou ou não e a opinião dos pontos que podem ser melhores.

Apesar das discussões do roteiro terem sido feitas com a participação de pessoas ouvintes, todos os atores exclusivamente eram surdos. Foi dado prioridade aos surdos para que a sinalização fosse natural e a cultura surda também ficasse evidenciada naturalmente, como por exemplo o toque, o chamamento e demais características que os surdos utilizam e que fazem parte da sua cultura.

Ao final das filmagens, percebemos que o trabalho foi intenso, mas não difícil. É um processo trabalhoso, mas fácil de realizar. É possível fazer muitos outros vídeos nessa mesma linha de evidenciar a cultura surda. Eu sinto a importância do trabalho e do quanto esses vídeos precisam ser preservados e aproveitados. No mesmo sentido, com a utilização dos vídeos pelos professores surdos, a atuação do tradutor intérprete é menos necessária nas aulas em que apresentarão a cultura surda, pois os vídeos dão essa autonomia.

Em virtude de todo esse movimento de elaboração, produção, apresentação e resultados, é desejável que esses vídeos sejam divulgados, pois elevam tanto o nome da Universidade, através do ObaLibras, quanto o meu nome e o meu trabalho de

pesquisa que gerou essa dissertação. Também espero que o meu trabalho seja usado como referência em tantas outras pesquisas que originarão dessa.

O fruto dessa pesquisa de trabalho é uma produção educacional, motivada por uma necessidade e desenvolvida com muita responsabilidade.

a) Roteiro 1: Ruído visual

Sinopse: Quatro alunos surdos estão assistindo aula em Libras. Enquanto os dois alunos sentados atrás tentam assistir a aula, os dois alunos da frente conversam em Libras, prejudicando a visualização do professor pelos alunos atrás deles.



Fonte: <https://youtu.be/WCQoa3-tb0M>

Roteiro 2: Mastigar e conversar: pode?

Sinopse: Três pessoas surdas conversam enquanto saboreiam um gostoso café colonial. Enquanto mastigam seguem sinalizando.

Figura 1 – Tirinha *That Deaf Guy*



Fonte: Fanpage Surdalidades (2012)⁴



Fonte: <https://youtu.be/LlhqWNYHTBQ>

b) Roteiro 3: *Campainha visual*

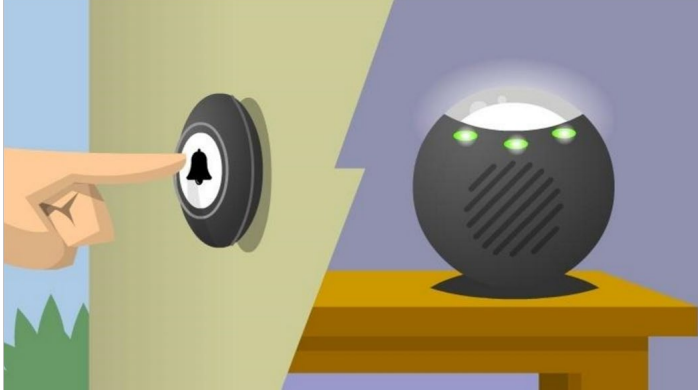
Sinopse: Um professor surdo está na sala de Libras, quando toca a campainha luminosa e ele atende duas alunas que sinalizam com ele.

⁴ Disponível em:

<https://www.facebook.com/surdalidades/photos/a.354534317912494/357040400995219/?type=3&t heater>

Figuras 2 A e B – Campanhas para surdos

A



Fonte: Bisol e Valentini (s.d.)⁵

B



Fonte: https://youtu.be/GcZENw_Rt6U

⁵ Disponível em: <https://proincluir.org/surdez/cultura-surda/>



Fonte: https://youtu.be/GcZENw_Rt6U

Segundo, a apresentação dos vídeos produzidos para duas turmas de Licenciatura da disciplina de Libras, ministrada por professores surdos. As turmas foram de duas Universidades diferentes: Universidade Federal de Pelotas e Universidade Federal do Rio Grande. Após a apresentação dos vídeos os professores entregaram um questionário com perguntas que fazem os estudantes refletir sobre a presença da cultura surda. Os questionários⁶ foram entregues para serem analisados pela pesquisadora e compor o corpus de dados da pesquisa.

⁶ Apêndice A

Em seguida, a **terceira** etapa, no qual os dois professores surdos foram entrevistados a fim de saber quais suas opiniões sobre os vídeos e sobre a necessidade de aprofundar e evidenciar a cultura surda dentre os alunos que participam da disciplina. Os dois professores entrevistados tinham experiência no ensino de Libras em duas universidades federais do sul do Brasil: Universidade Federal do Rio Grande – FURG – e UFPel. Ambos compartilhavam comigo características culturais regionais tanto da comunidade surda quanto dos alunos que formavam o público alvo das aulas. As entrevistas foram filmadas e posteriormente transcritas para a Língua Portuguesa.

As etapas 2 e 3 compuseram o *Corpus* de análise dessa dissertação. Assim, pretendemos identificar as percepções dos alunos acerca da cultura surda, na disciplina de Libras, através da observação dos vídeos.

A intenção deste projeto é contribuir para que as boas práticas e novas metodologias de ensino de Libras e evidencia da cultura surda possam surgir e serem compartilhadas. A sala de aula é o melhor lugar para identificar essa troca e para (re)pensá-la como espaço de produção. Com isso, escutar outros profissionais que estão engajados na produção de materiais, poderá contribuir para o que busco, que é a evolução do ensino de Libras. Algo que seja de fato pensado e renovado, que não seja uma mera reprodução de materiais que há muitos anos vem sendo utilizados.

Pensando nos encaminhamentos dessa investigação, primeiramente foram entregues aos professores o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), que foi assinado por aqueles que se dispuseram a participar da pesquisa. Sendo essa uma formalidade que garante ao pesquisador o uso dos dados coletados, assegurando ao entrevistado sigilo de sua identidade. Dentro dessa abordagem, busco verificar a análise do contexto, utilizando como base conceitual “culturas, orientações profissionais, percepções, etc”, como recomenda Malheiros (2011, p. 208).

4 ANÁLISES

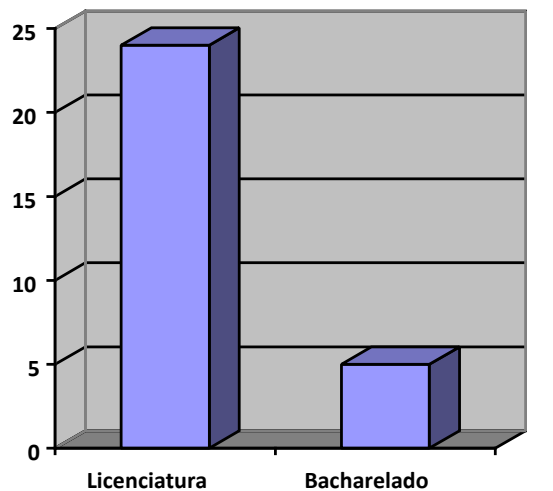
Após termos desenvolvido as três etapas da metodologia, iniciamos a análise dos dados, que será feita a partir de Yin (2015) é um estudo de caso, que pode ser realizado a partir de um grupo pequeno ou comunidade, mas, também, a partir de um evento com um único indivíduo. Na pesquisa em questão, se trata de um evento com determinado grupo.

Para obter os depoimentos dos participantes, optamos por uma entrevista semiestruturada, que requer uma atenção especial do pesquisador para não falhar na condução dos questionamentos. Não podem haver desvios, a fim de não prejudicar a obtenção de informações que atendam ao objetivo do estudo. Para Yin (2015), as perguntas não se reduzem a apenas trocar perguntas e respostas previamente pensadas. Mas é um momento de produção de linguagem e de sentidos, que são construídos a partir da interpretação dos enunciados, que dependem das experiências vivenciadas por quem entrevista e é entrevistado.

A entrevista semiestruturada permite conduzir a conversa a partir do que é respondido pelo entrevistado, sem perder o foco principal, através das questões norteadoras. As entrevistas com os professores foram filmadas em Libras e transcritas pelo tradutor intérprete de Libras para posterior análise. Os alunos responderam a um questionário com oito perguntas.

De início apresentaremos quais os alunos participaram da entrevista, após assistirem aos três vídeos. Nas duas universidades a disciplina era ofertada para turmas de licenciatura, porém, alguns alunos do Bacharelado também participaram, totalizando 29 alunos, conforme podemos ver na figura a seguir.

Figura 3 – Tipo de formação dos graduandos



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

No momento em que a entrevista foi realizada, 13 alunos haviam assistido 54 horas/aulas da disciplina de Libras, enquanto 16 alunos participaram de 40 horas/aulas de Libras. Dentre os 13 alunos que tiveram carga horária da disciplina maior, até o momento da entrevista, 11 relataram que a professora explicou em uma das aulas sobre cultura surda, enquanto 2 disseram que não foi ensinado a respeito. Dos alunos que tiveram 40 horas/aulas de Libras, 14 mencionaram que o professor ensinou sobre cultura surda, em contrapartida de 2 que disseram que nada foi ensinado a respeito.

Sobre essas respostas, podemos pensar que talvez os alunos que responderam não terem sido ensinados sobre cultura surda possam ter faltado na aula nesse dia, visto o grande número de alunos que responderam ter sido ensinados sobre isso.

É importante salientar que o questionário foi respondido pelos alunos antes de conversarem com os professores a respeito dos vídeos. Ou seja, primeiro eles responderam aos questionamentos e, posteriormente, conversaram com os professores sobre seus entendimentos e dúvidas. Foi feito dessa forma para que a conversa com os professores não influenciasse nas respostas.

4.1 PERCEPÇÕES SOBRE OS VÍDEOS

A primeira pergunta sobre os vídeos foi “O que você entendeu sobre cada um dos vídeos sinalizados?”. O intuito dessa pergunta era perceber se os alunos conseguiram compreender o que os vídeos significavam, pois através das suas respostas é possível avaliar se os vídeos estavam claros ou não.

Durante a leitura das respostas, através do vocabulário utilizado e, também, da clareza das respostas, foi possível perceber que os alunos sentiram muito prazer ao assistir os vídeos.

Tabela 1 – Entendimento dos alunos sobre os vídeos

VÍDEOS	COMPREENDERAM	NÃO COMPREENDERAM
1 – Ruído visual	29 alunos	0 alunos
2 – Mastigar e conversar, pode?	18 alunos	11 alunos
3 – Campanha luminosa	20 alunos	9 alunos

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Na tabela acima podemos perceber que o vídeo sobre o ruído visual foi compreendido por todos os alunos, o que pode significar que o vídeo estava claro no objetivo de demonstrar que na cultura surda o ruído é visual. Algumas das respostas dos alunos nos fazem inferir isso:

Aluno 8 – O que podemos perceber é que a sinalização visual e conversas paralelas podem ser distratores. Se para a comunicação ouvinte há ruído sonoro, a “poluição visual” funciona de maneira análoga para a comunidade surda.

Aluno 11 - O vídeo mostrou o quanto conversas paralelas em Libras podem dificultar a compreensão de uma aula, por exemplo; a atenção pode ser desviada como em outras línguas, e que com ruídos que são visuais.

Aluno 18 - É impossível se concentrar com outras pessoas sinalizando na sua frente.

Aluno 26 - Em uma sala de aula com duas alunas comunicam-se usando a libras o que impedia os demais de conseguirem presta atenção na aula. O fato é que elas estavam perturbando da mesma forma que quando alunos ouvintes falam em aula.

Os excertos acima mostram que os alunos compreenderam que a conversa paralela em Libras se tornou um ruído para os surdos, da mesma forma que para os ouvintes, conversas podem prejudicar a concentração. Já os alunos abaixo ampliaram a discussão ao dizer que:

Aluno 22 - Sinalizar durante uma explicação ou se movimentar demais acaba desconcentrando o surdo, pois possuem a visão e os impede de focarem na mensagem do professor.

Aluno 24 - Que a sinalização, movimentação, de terceiros quando não é o objetivo a ser focado, é extremamente incomoda.

Esses três alunos conseguiram compreender que movimentos excessivos podem ser ruídos para os surdos. Para os ouvintes o ruído é sonoro, enquanto para os surdos está relacionado à captação visual. Ou seja, a atenção dos surdos é chamada através da visão. Isso pode-se perceber quando Strobel (2018) comenta sobre os aplausos dos surdos, que são realizados através das mãos levantadas no ar e girando, pois é algo visual e não sonoro, como o bater de palmas para os ouvintes.

Muitas pessoas pensam que surdos vivem no silêncio, mas não é verdade. Além disso, alguns pensam que conviver com os surdos significa estar também no mundo do silêncio. Isso não acontece, pois muitas vezes não temos noção do barulho excessivo que provocamos, por exemplo, ao caminhar, ao bater uma porta, ao conversar, ao chorar, ou até mesmo ao rir.

Nas famílias surdas, os membros surdos têm comportamentos próprios deles. Por exemplo, é habitual assistirem à televisão no volume mudo para não incomodar os vizinhos. Todos usam língua de sinais como a língua prioritária do lar, lavam louças e fazem movimentos inesperadamente com barulho alto sem perceberem (STROBEL, 2018 p. 63).

Os barulhos produzidos nesses e em outros momentos não refletem a cultura surda, mas a falta de compreensão do barulho que produz, sendo responsabilidade da família ouvinte orientar sobre como deve se portar em tais situações. O que reflete a cultura surda é a noção de que o barulho para os surdos é visual. É uma cultura diferente, como podemos perceber:

Os surdos dançam, apreciam e ouvem música a seu modo, têm sensações de barulho, constroem seus mundos e suas subjetividades na e através da língua de sinais, enfim, concebem e redefinem seu mundo através da visão (GESSER, 2009, p. 50).

Pela resposta dos alunos eles perceberam que, para os surdos o ruído é visual e isso reflete um aspecto da cultura surda. A professora 1 entrevistada mencionou que os alunos conseguiram articular o que viram no vídeo com uma situação ocorrida em aula. Ela apresenta:

Professora 1: Eles comentaram que eu já tinha explicado sobre o quanto os movimentos chamavam atenção, conseguiram ligar com o que eu já tinha falado em aula. (...) Eu expliquei aos alunos que quando eu fosse escrever no quadro eles deveriam vir e tocar em mim ao invés de ficarem abanando. Porque teve momentos em que vários alunos ficam me chamando e é uma poluição visual. Agora eles sabem que isso é um ruído para mim e que precisam agir diferente, pois minha cultura é diferente. Mesmo sem eu explicar o que é cultura surda, eles entenderam pelos vídeos.

Em relação ao segundo vídeo, “Mastigar e conversar, pode?”, nem todos os alunos conseguiram perceber o que o vídeo pretendia mostrar. Dos 29 alunos, 11 não mencionaram nada em suas respostas sobre a possibilidade da Libras em mastigar e conversar ao mesmo tempo. Dentre os que não conseguiram explicar corretamente o que aconteceu no vídeo, os relatos se basearam, apenas, em apresentar quais alimentos estavam na mesa e se os atores gostaram ou não do que estavam provando. Acreditamos que isso aconteceu porque o foco dos alunos se manteve mais no que estava sendo sinalizado, sem prestar atenção no movimento da boca. Por serem iniciantes no aprendizado da Libras, muitas pessoas fixam o olhar nas mãos, quando, na realidade, para aprender essa língua é necessário focar no rosto. Portanto, esse pode ter sido um dos fatores da não percepção dos alunos.

Por outro lado, dentre os alunos que compreenderam, foi possível identificar que enquanto mastigamos podemos continuar conversando. Algumas respostas se destacaram no sentido de que os alunos perceberam que a Libras, diferente da Língua Portuguesa, utiliza as mãos para acontecer. Durante a alimentação é possível, então, conversar, visto que as mãos ficam livres.

Aluno 12 - Sim, porque as mãos continuam livres para se comunicar.

Aluno 18 - No caso dos surdos sim eles podem comer e conversar ao mesmo tempo, porque se comunicam com as mãos e não com a boca.

Alguns alunos conseguiram articular o fato de que conversar enquanto mastiga não é falta de educação, como para os ouvintes, sem ferir os princípios da boa educação:

Aluno 6 - É comum acreditarmos que é rude conversar enquanto mastigamos, mas em Libras não parece ser falta de educação, desde que mastigam de boca fechada.

Aluno 24 - Que algo considerando sem educação para os ouvintes, como conversar com a boca cheia, se torna algo vantajoso para os surdos, pois eles não usam a boca como principal meio de comunicação.

O aluno 24 menciona a palavra *vantajoso*, que nos remete a um termo que foi elaborado por Aaron Williamson, chamado *Deaf-Gain*, que é definido como “reenquadramento de surdo, como uma forma de diversidade sensorial e cognitiva que tem o potencial de contribuir para o bem maior da humanidade” (DSDJ, p. 1 *apud* PÊGO; REICHERT; DINARTE, 2016, p. 314). Segundo os autores,

A surdez tem sido vista como uma perda, uma ausência, um vazio, uma falta de audição. É praticamente impossível pensar em surdez, sem pensar em perda. E, no entanto, as pessoas surdas, muitas vezes, não consideram suas vidas como uma mera perda. Em vez disso, há algo presente na vida das pessoas surdas, algo total e completo (PÊGO; REICHERT; DINARTE, 2016, p. 317).

Ou seja, os surdos têm coisas a contribuir com a humanidade, ou seja, nem tudo são perdas ou prejuízos pela ausência da audição. Além do conversar junto com a alimentação, lembro de outro fato que para nós é uma vantagem, como conversar tranquilamente através do vidro, mesmo estando um dentro e o outro fora do ônibus, por exemplo.

Um aluno menciona algo que demonstra entenderem a possibilidade da sinalização junto com a mastigação, porém, com um equívoco. Pela sua fala, a Libras não utiliza a boca:

Aluno 9 - Em Libras não existe talvez dialogo que precise abrir a boca enquanto come.

Outro aluno conhece um pouco mais sobre a Libras, demonstrando que a boca desempenha algumas funções na sinalização:

Aluno 11 - Pode sim, pois as mãos são utilizadas na articulação das palavras, assim como outras partes do corpo, a boca desempenha algumas expressões, mas não acaba mostrando nada desconfortável.

O aluno 11 está correto na sua colocação, pois um dos cinco parâmetros da Libras são as expressões não-manuais. Segundo Quadros e Karnopp (2004), essas expressões são movimentos realizados com outras partes do corpo, que não as mãos, como a face, os olhos, a cabeça ou o tronco. Elas servem para marcar as construções sintáticas nas sentenças interrogativas, relativas, de topicalização, de concordância e de foco. As expressões não-manuais também são utilizadas para diferenciar itens lexicais, que marcam os sujeitos, as negações, os advérbios, os graus e os aspectos (QUADROS; KARNOPP, 2004).

O professor 2, durante a entrevista, evidenciou a vantagem da sinalização por professores surdos:

Professor 2: A sinalização de atores surdos retrata muito mais a pureza da língua e a utilização das expressões não manuais e os classificadores.

Segundo o professor, por ter sido sinalizado por atores surdos, o vídeo ficou muito mais claro e condizente com a cultura da própria língua. Ele menciona não apenas o uso das expressões não-manuais, mas também dos classificadores, que são a “representação visual de objetos e ações de forma quase que transparente, embora apresente características convencionadas de forma arbitrária” (QUADROS; PIZZIO; REZENDE; 2009, p. 15).

Os professores também concordam com a sinalização dos vídeos por atores surdos:

Professora 1: Eu achei ótimo, pois os atores surdos foram perfeitos, é a marca da cultura surda. Acho que foi perfeita a escolha, pois são representantes de uma comunidade. Não tem como ser atores ouvintes, pois sinalizam de forma diferente. Eu quero fazer da mesma forma, diálogos entre surdos com situações cotidianas que reflitam a cultura e a língua deles, de forma natural. Se for ouvinte a forma de sinalizar, por mais que seja fluente, é diferente. Eu gostei mais dos teus vídeos por causas disso. (...)Os alunos direto perceberam por causa das expressões faciais, perceberam que eram surdos. E realmente, por isso é importante os surdos sinalizando, pois mostram a cultura surda. Eu não falei assunto, nem quem eram os atores, eles perceberam sozinhos, na hora.

Professor 2: Os surdos sinalizam mais rápido. Os alunos reconhecem com facilidade quando os atores são surdos, mas no caso de alguns atores ouvintes eles ficam na dúvida se também são surdos. Então, quando me perguntam, eu digo que são intérpretes ouvintes e quem é surdo. Mas, os surdos são inconfundíveis e os alunos preferem os surdos sinalizando. Há, também, ouvintes que sinalizam fluentemente que os alunos pensam que são surdos.

Percebemos que o vídeo 2 poderia ter sido melhor produzido, o que facilitaria a compreensão dos alunos. Por exemplo, os atores eram para seguir mastigando ao mesmo tempo em que sinalizavam. Na entrevista, o professor 2 relatou que um aluno comentou sobre o fato de que quando os atores sinalizavam, paravam de movimentar a boca. O objetivo do vídeo era justamente ao contrário, ou seja, mostrar que enquanto nos alimentamos é possível seguir conversando. Também percebemos que o assunto da conversa entre os atores deveria ter sido outro que não os alimentos que estavam comendo. O professor 2 orientou:

Professor 2: Porém, sobre o vídeo da alimentação eu sinto que faltou apresentar de forma mais clara a possibilidade de continuar mastigando enquanto conversa em Libras. Os alunos estavam desejosos de identificar o que era a cultura surda no vídeo, estavam atentos, mas, não conseguiram perceber. Assistiram mais de uma vez para conseguir identificar. Um dos alunos mencionou: 'acho que é relativo ao fato de que enquanto come continua conversando'. Com essa dica, os outros alunos finalmente perceberam. Talvez se os atores tivessem colocado mais comida na boca, de forma exagerada e seguissem sinalizando, eles tivessem percebido com maior facilidade.

O filme “Lágrima do Silêncio” mostra uma cena semelhante à do vídeo, dentre outros aspectos da cultura surda. Em determinado momento a família, cuja mãe é surda, está dando uma festa com a presença de outros surdos e intérpretes. Todos estão reunidos em volta da mesa se alimentando e conversando tranquilamente através da língua de sinais. Conversar e mastigar é uma característica da cultura surda.

Sobre o terceiro vídeo, 20 alunos identificaram a campainha luminosa, enquanto 9 não perceberam que havia esse objeto na cena. Eles explicaram apenas que duas alunas estavam procurando outra professora que não estava na sala. Dentre

os alunos que compreenderam o vídeo, algumas respostas refletem o quão inusitado foi para eles a existência de uma campainha luminosa.

Aluno 3: Quando duas alunas tocam a campainha da sala do professor uma luz se acende lá dentro, permitido que ele saiba que tem gente na porta e vá atendê-los, o que é uma ótima alternativa já que se batessem na porta ou tocassem uma campainha “comum” não faria diferença para o professor.

Aluno 4: A campainha luminosa é uma boa escolha para fazer o papel de “alerta” a pessoas surdas.

Aluno 5: Inovador. Uma forma de chamar atenção da pessoa surda muito bom saber que existe recursos como estes.

Aluno 11: O vídeo demonstra uma campainha que desempenha a função de qualquer outra, mas através de um sinal luminoso, para que o surdo também possa perceber a chegada alguém em sua casa.

Aluno 12: Que as campainhas para surdos em vez de emitir som emitem luz, um barulho visual.

A professora 1 relatou que após os alunos terem respondido ao questionário, perguntaram se ela tinha essa campainha em sua casa, a qual respondeu que ainda não possui essa tecnologia. Com as respostas dos alunos que não identificaram a campainha, percebemos que o vídeo apresentou de forma muito rápida a tecnologia. Em seguida que ela tocou o professor já levantou e seguiu até a porta. A imagem deveria ter focado mais tempo no objeto. Faltou mais tempo de foco na campainha, isto é, dessa forma os alunos teriam percebido melhor.

Existem pelo menos três tipos de campainhas luminosas: a que é ligada na luz e fica localizada perto da porta; a que funciona a pilha, é sem fio e pode ser levada para qualquer cômodo da casa; a que também é ligada na luz, mas fica posta sobre a mesa. Essa última foi utilizada no vídeo que apresentamos aos alunos. Talvez uma opção melhor tivesse sido a que fica próximo da porta, visto que a iluminação é muito mais forte. Dois alunos se referem à campainha como uma adaptação de algo sonoro, ou seja, do mundo dos ouvintes:

Aluno 24: Que objetos do cotidiano que são sonoros são adaptados para o visual.

Aluno 29: A campainha luminosa é uma adaptação para o dia a dia dos surdos. Uma adaptação de algo que geralmente seria sonoro.

Sobre adaptação, comentaremos mais na próxima pergunta, que é sobre a percepção dos alunos acerca das diferenças entre o que acontece entre os surdos e ouvintes. Pretendíamos compreender se os alunos percebiam experiências diferentes na vida dessas pessoas. Essa pergunta gerou muitas discussões e divergências nas repostas. Dos 29 alunos, 12 identificaram surdos e ouvintes como experiências diferentes que, segundo eles, se baseiam principalmente no visual.

Aluno 23: Os surdos são muitos visuais, estão da mesma forma que para os ouvintes um ruído pode atrapalhar a sua atenção visual. Mas não tem problema em sinalizar mastigando, pois a comunicação é visual no caso da campainha, um surdo pode atender através de uma que seja luminosa.

Aluno 24: Sim, o que muitas vezes aos ouvintes é sonora, aos surdos passa a ser visual.

A maioria dos alunos identificaram a experiência visual como a base da cultura surda, conforme comentamos no referencial teórico. As tecnologias, no caso, também são baseadas na visão, conforme afirma Barhan:

Identificando-me como uma pessoa visual, isso explicaria tudo ao meu redor: os aparelhos TDDs, os decodificadores, as campainhas luminosas, a leitura labial e a emergência de uma língua visual, a língua de sinais americana (*apud* STROBEL, 2013, p. 45).

O mundo para nós, surdos, é visual, desde o nascimento. Aos poucos vamos identificando coisas que nos são próprias através das percepções visuais. Muitas vezes a sociedade não consegue perceber o que temos e o que somos, mas apenas o que nos falta (a audição) e isso não é apropriado.

Cinco alunos responderam que percebem diferenças e que são feitas adaptações do mundo dos ouvintes para o mundo dos surdos, como podemos perceber nas repostas abaixo:

Aluno 5: Vejo os surdos com situações diferentes adaptadas para o convívio em sociedade.

Aluno 6: Percebo que surdos e ouvintes têm vidas muito parecidas, exceto por algumas adaptações que se fazem necessárias, tal qual a campainha luminosa.

Aluno 10: A vida dos surdos tem que haver algumas adaptações.

Aluno 11: As diferenças são visíveis mesmo nas menores situações do dia a dia, mas é lindo perceber o quando sempre há uma forma de se adaptar as situações para que se tenha uma vida normal.

Aluno 29: Várias adaptações são feitas para que o surdo faça atividades corriqueiras, nesse caso, de algumas tecnologias que emitem algum som.

Nos excertos acima, não concordamos com a utilização da palavra adaptação. Quando pensamos em adaptação, a impressão é que falta algo para os surdos, sempre pontuando a falta, a ausência, e, por isso, precisa adaptar o que tem no mundo ouvinte, para o mundo surdo. Adaptar é quando há algum defeito e nós, surdos, não nos sentimos como defeituosos, mas como parte de uma comunidade que tem uma língua própria. Somos pessoas visuais, que nos “coloca na posição das coisas que eu posso fazer ao invés das que eu não posso fazer” (BAHAN, 1989 *apud* WILCOX; WILCOX, 2005, p. 17). Ao invés de adaptar, pensamos que os surdos, assim como ouvintes, possuem estratégias para convivência na sociedade.

Cinco alunos identificaram a vida dos surdos como semelhantes aos ouvintes:

Aluno 1: Foi possível perceber, através dos três vídeos, que algumas práticas, que são comuns aos ouvintes, diferem-se na interação entre surdos.

Aluno 11: Também é interessante ver o quando acontecimentos do dia a dia são ao mesmo tempo iguais e diferentes dos ouvintes.

Aluno 21: Achei muito interessante como as situações são diferentes e ao mesmo tempo parecidos. O que muda é o modo como acontecem.

Outros dois alunos mencionam que as vidas não são diferentes, que a única coisa que diferencia surdos e ouvintes é a forma de comunicação, ou seja, a língua utilizada.

Essas percepções dos alunos, de certa forma, são importantes ser destacadas. Se todos achassem que a vida dos surdos é muito diferente, isso poderia ser até um ponto negativo, por nos considerar coitadinhos, sem condições de viver em igualdade

na sociedade. Ao perceber semelhanças, isso é um ponto positivo, pois considera os surdos como alguém capaz, alguém como ele.

Acreditamos que, de certa forma, a Universidade tem contribuído para reverter essa visão de surdo “coitadinho”. As aulas de Libras, bem como os materiais produzidos a partir dela (*sites*, vídeos, etc.) auxiliam na percepção positiva dos alunos em relação à comunidade surda. Por outro lado, os alunos que frequentam a disciplina também servem de multiplicadores dessas referências dos surdos.

O contato com diferentes professores surdos também é positivo, visto que podem perceber que nem todos os surdos agem igualmente frente à cultura Surda, assim como os ouvintes. Temos diferenças entre os semelhantes também. Nós surdos não somos obrigados a ser todos iguais, viver as mesmas experiências. Cada um tem um sentimento, tem temáticas e características próprias e diferentes. Por exemplo, aqui no Rio Grande do Sul, há pessoas que gostam de participar de CTG, de tomar chimarrão, mas outras pessoas gostam do chimarrão, mas não gostam do CTG. Com os surdos acontece da mesma forma, os perfis são diferentes. Inclusive o resíduo auditivo de cada um se difere, assim como cada um de nós sente as coisas de formas diferentes.

Lembro de uma vez que me criticaram sobre a oralização e sinalização e eu fiquei muito brava. Eu respondi que é meu jeito, que eu sinalizo, mas também estou acostumada a oralizar, que eu não queria perder isso. Não podemos obrigar os surdos a só sinalizar e, por exemplo não movimentar a boca enquanto sinaliza.

Não somos robôs. O movimento da boca também é importante durante a sinalização. Durante um bom tempo eu fiquei sem utilizar o aparelho e percebi que muitas das memórias que eu tinha sobre as palavras acabei esquecendo. Por isso, resolvi voltar a usar o aparelho e quando comecei a participar da associação de surdos percebi que eles usam a Libras e conheci outro surdo que só oralizava e eu comecei a traduzir para ele. Aos poucos fui sinalizando e oralizando para ele e foi se apropriando da Libras. Houve outra vez em que o surdo utilizava apenas gestos e eu traduzia para Libras o que ele queria dizer.

Em outro momento um tradutor intérprete disse que eu não tinha internalizado e me constituído ainda na cultura surda e eu me surpreendi com aquilo, pois realmente

meu contato era muito maior com a comunidade ouvinte do que com a surda. Quando comecei a participar mais da associação de surdos, compreendi o que ela quis dizer. Na minha casa não tinha campainha luminosa, nem o telefone adaptado, dentre outros artefatos. Eu percebo que demorei muito para me constituir na cultura surda. E não é possível dizer que os surdos são de uma forma ou de outra, mas que cada um se constitui dentro daquilo que lhe parece melhor. Os surdos se constituem na mesma cultura, mas de formas diferentes.

Se o “contato” surdo-surdo é imprescindível para o desenvolvimento cultural, o “contato” ouvinte-surdo é processo imperativo no tocante à cultura surda para ouvintes. Em uma das falas, o entrevistado diz que entender a cultura surda por livros, pesquisas e estudos é ineficaz se isso não estiver atrelado ao contato direto com a comunidade surda (GOMES, 2011 p. 60).

Somos diferentes e os ouvintes percebem isso. A professora mencionou a curiosidade que os vídeos promoveram nos alunos.

Professora 1: Começaram a responder ao questionário e se deram conta de me perguntar sobre o bebe, para cuidar, como faz. Expliquei sobre a câmera que filma os bebês, mas que antes não tinha essa tecnologia. Estranhei porque eles me perguntaram sobre o bebê, como eu cuidava e foi a mesma aluna que agora tem bebe, por isso ela perguntou.

Exemplos como esses são compartilhados e divulgados, contribuindo para a desmistificação de que os surdos são “coitadinhos”, os surdos “não tem a audição”, os surdos “precisam de adaptações”, para o reconhecimento de que possuem uma língua e cultura próprias.

4.2 IDENTIFICAÇÃO DA CULTURA SURDA A PARTIR DOS VÍDEOS

A próxima pergunta feita aos alunos tinha a intenção de saber se, através dos vídeos, eles conseguiriam dizer o que significa cultura surda. Caso percebessem o que é, quais exemplos de cultura surda eles identificaram nos vídeos.

Quatorze alunos conseguiram conceituar cultura surda de acordo com o conceito usado nesse trabalho, apesar de, naquele momento, um dos professores

ainda não ter apresentado o que era cultura surda. Ou seja, a percepção aconteceu apenas através dos vídeos.

Aluno 5: A cultura surda é você vivenciar o mundo com os olhos. É você entender e ingressar o que sente como as mãos, é mostrar para o mundo que as situações são adaptáveis a ele.

Aluno 19: A cultura surda seria o modo como os surdos convivem diariamente inseridos em uma cultura que é deles, diferentes da dos ouvintes em alguns aspectos. Como no vídeo da campanha que é usada de outra maneira.

Três alunos responderam que ainda não conheciam o suficiente para conceituar, mas que precisavam de maiores leituras para definir o que significa a cultura surda. Por outro lado, 12 alunos não conceituaram a cultura surda, mas repetiram os exemplos dos vídeos.

Essa pergunta também intencionava que os alunos dessem outros exemplos de cultura surda. Vinte e dois alunos citaram os mesmos exemplos que apareceram no vídeo. Quatro alunos não deram nenhum exemplo e três alunos identificaram a Libras como um artefato da cultura surda.

Aluno 9: Sim, por exemplo, a próprio forma de comunicação entre um poder entender o outro em um diálogo já é um fato cultural.

Aluno 11: A Libras já é um enorme exemplo da solidificação dessa cultura.

O aluno 9 não soube conceituar o que é cultura surda, mas identificou a própria língua como um dos exemplos. Segundo Strobel (2018) a língua de sinais é um dos aspectos fundamentais da cultura surda. Ela apresenta:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2018 p. 53).

Percebemos como positivo e satisfatório o fato de vinte e nove alunos conseguirem identificar o que é cultura surda através dos vídeos, lembrando que um dos professores ainda não tinha apresentado o conceito na sala de aula. Outro fator importante é que os alunos responderam ao questionário após assistir aos vídeos, sem terem tecido nenhum comentário com os professores sobre os mesmos. Os

comentários foram feitos posteriormente à entrega dos questionários respondidos. Ou seja, os vídeos conseguiram alcançar um dos objetivos que é apresentar a cultura surda.

4.3 PROFESSOR SURDO COMO REFERÊNCIA DA CULTURA SURDA

A próxima pergunta pretendia saber se na dinâmica da sala de aula com o professor surdo ou nas experiências relatadas por ele os alunos foram capazes de perceber mais alguns aspectos da cultura surda. Dentre os vinte e nove alunos, dezoito responderam que não identificaram nada de cultura surda na atuação do professor. Os demais alunos responderam da seguinte forma:

Tabela 2 – Percepções sobre a cultura surda na ação docente

Qtd de alunos	Aspectos da cultura surda
1	Chamadas por vídeo
3	Vibração do celular para identificação de chamada e mensagem
5	Uso das expressões faciais
1	Uso de classificadores
1	Experiência visual

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Essas são algumas das declarações dos alunos sobre evidências da cultura surda no contato com os professores:

Aluno 3: Como ainda não sou fluente em Libras, às vezes é difícil compreender a professora e ver as expressões faciais que ela faz é uma das coisas que ajudam muito.

Aluno 11: O que mais percebo em aula é o quanto o dinamismo, o movimento, as expressões faciais são importantes para se fazer entender e o quanto isso influencia na compreensão e na produção do sentido.

Aluno 15: (...) algo que me chamou atenção foi o uso de classificadores para descrever as coisas.

Aluno 27: O professor relatou que pode conversar enquanto se está no volante, o que se torna perigoso, por exemplo. Um aspecto que percebi é que o surdo percebe muito mais pela visão do que os ouvintes.

4.4 A PRODUÇÃO DOS VÍDEOS NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS

A próxima pergunta tinha o objetivo de qualificar os vídeos. Os alunos precisavam preencher uma tabela que analisava vários pontos, conforme pode ser percebido abaixo:

Tabela 3 – Qualificação dos vídeos

	Sim	Não
1- A sinalização foi clara?	29	-
2- O ritmo da sinalização foi em velocidade adequada para sua compreensão?	26	3
3- O cenário estava adequado?	29	-
4- Você percebeu diferença na forma de sinalizar dos atores?	16	13
5- Você sentiu satisfação ao assistir aos vídeos?	29	-

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Pela tabela acima e pelos comentários no campo 'observações' dessa pergunta, é possível perceber que os alunos qualificaram o vídeo como positivo e bem elaborado. Apenas dois alunos solicitaram a inserção de legenda nos vídeos e nenhum deles mencionou a necessidade de áudio, apesar da professora perceber o desconforto inicial.

Professora 1: No início do vídeo, diretamente em Libras, eu percebi que eles mudaram a expressão quando viram a sinalização, porque eles queriam o áudio, mas viram que não tinha nem áudio, nem legenda. Começaram a se entreolhar, assustados, mas seguiram assistindo. Ao final, perguntei se haviam entendido. Começaram a rir e disseram que mais ou menos. Mas, percebi que no início foi um choque só ter libras, mas depois, nas vezes que se seguiram foi um prazer para eles.

A professora explicou sobre a percepção dela em relação aos alunos e isso é comum acontecer, pois os alunos estão acostumados com as informações auditivas. Na hora do vídeo, para a surpresa deles o vídeo era silencioso. Todos os alunos sentiram como é um vídeo que não está na sua língua, pelo máximo de 2 minutos, sem o apoio auditivo. É um pouco da experiência do surdo, mas, sem a legenda eles precisaram se esforçar para entender o que estava sendo sinalizado. Se tivesse a

legenda, eles não olhariam tanto para a sinalização. Um vídeo assim é um desafio para eles.

Com essa experiência, os alunos sentiram a estranheza do que é se comunicar com alguém que não com sua própria língua. Foi um desafio, que é como os surdos estão acostumados a conviver na sociedade. Eles precisaram se esforçar para compreender. Dentre as sugestões de novos vídeos, destacamos:

Aluno 14: Cozinhar, escolher uma casa, conhecer/apresenta um colega, pedir em casamento, combinar uma viagem.

Aluno 22: Acharia interessante vídeos sobre a relação familiar e a interação criança x adulto e criança e criança.

Aluno 29: Seria interessante mostrar outros elementos da cultura surda, também mostrar algumas dificuldades que os surdos passam com ouvintes.

As sugestões dos alunos são muito apropriadas, pois são ideias visuais que facilitariam a comunicação nesses ambientes, bem como compreender como é a vida dos surdos no dia a dia. Por exemplo, as cozinhas costumam não ter a parede divisória entre a sala e a cozinha, para facilitar a comunicação na Libras, diferente dos ouvintes, que conseguem se comunicar com a voz, através das paredes. As relações familiares entre pessoas que são ouvintes e não sabem a Libras são importantes, também, para verificar como se estabelecem a comunicação. Apresentar a rápida aquisição da linguagem por crianças surdas também é interessante. São ótimas sugestões para futuros vídeos.

4.5 A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS NA PRÁTICA DOS DOCENTES

Das entrevistas com os professores, algumas considerações já foram articuladas com as respostas dos alunos. Porém, algumas perguntas intencionavam saber um pouco sobre suas práticas e se usariam os vídeos em suas aulas. Portanto, abaixo, analisaremos algumas das respostas dos professores. Os professores mencionaram quais os tipos de materiais que utilizam nas suas aulas:

Professora 1: Eu uso na aula materiais como power point e frases sinalizadas com imagens. Só o power point. Para falar sobre cultura eu uso vídeos. No power point eu uso contextos das frases e imagens, mas não sobre cultura surda. Esses conhecimentos eu uso os livros e

textos para eles fazerem resumo ou apresento os vídeos para eles fazerem resumo, pois não temos interprete pra participar das aulas teóricas. Então, faço trabalhos por email. Infelizmente tem que ser assim.

Professor 2: Eu já usei algumas partes do livro Libras, que língua é essa? Eu escolho alguns itens desse livro, preparo os slides e solicito a presença do Tils para a aula. Uso esse material para a disciplina de Libras 2, nunca para Libras 1. (...) Distribuo os temas desse livro para que os alunos se preparem para apresentar um seminário sobre os conhecimentos adquiridos através do livro.

Muitos professores surdos de Libras utilizam as mesmas estratégias para ensino, conforme apresentado pelos entrevistados e que vai ao encontro do que Santos (2015) evidenciou em sua pesquisa:

Os discursos também indicam que as disciplinas de Libras têm dividido os conteúdos em teóricos (estudos sobre os surdos e sua cultura) e práticos (comunicação em língua de sinais), sendo que, em alguns casos, há a prevalência de uns sobre os outros (SANTOS, 2015, p. 37).

As colocações dos docentes são fundamentais, pois sentimos falta de materiais qualificados para o ensino na disciplina de Libras. Infelizmente, também não há disponibilidade de verbas para a produção desses materiais, precisando contar com recursos próprios ou voluntários para a execução desses projetos. Por isso a importância de percepção do que é possível fazer através de projetos simples, mas com qualidade, principalmente através da parceria de acadêmicos de cursos como Jornalismo, Cinema e Animação, entre outros, a fim de produzir materiais nos espaços disponíveis para esses cursos, aprimorando, inclusive, a formação desses futuros profissionais.

Percepções como essas são fundamentais para promover a participação dos docentes na produção dos próprios materiais, independente das dificuldades, promovendo trocas entre os professores Surdos. Há muitos vídeos disponíveis em sites, como mencionado pelos professores, mas é fundamental a seleção daqueles mais adequados para o ensino, evitando os vídeos longos. O ideal são utilizar vídeos com, no máximo, dois minutos de duração e que desafiem os alunos a compreender. É importante vídeos que desafiem os espectadores.

Os vídeos produzidos não ultrapassam o tempo de dois minutos e estão disponibilizados em uma página pública no Youtube conta das características de Recuperabilidade, Acessibilidade e Interoperabilidades dos OAs. Um playlist de glossário (sinais independentes) acompanha cada vídeo de diálogo, atendendo, portanto, as características de Granularidade e Reusabilidade dos OAs. Cabe salientar que os vídeos produzidos não trazem, em seu cerne, a proposta de vídeo-aula, ou seja, não são vídeos para estudo independente. Os vídeos configuram-se como material didático para o professor, que pode utilizá-los na perspectiva de *preteaching* (SEILSTAD, 2012) ou, em sala de aula (LEBEDEFF *et al*, 2018. p. 195).

Por isso, as produções do ObaLibras são fundamentais, pois possuem características que atendem às necessidades dos professores. Atualmente não utilizamos mais apostilas, como antigamente, pois não há movimento no desenho dos sinais, sendo os vídeos muito mais efetivos. Então, esses vídeos podem promover a interação com a língua e o aprendizado de forma mais clara e prazerosa. Para além da aquisição linguística, os vídeos podem promover, como foi a proposta desta pesquisa, a imersão e conhecimento da cultura surda.

Assim como no ensino de outras línguas, a Libras também precisa de materiais qualificados para a promoção do aprendizado, que deve acontecer através de materiais visuais interessantes e desafiadores. Professor explica como faz para selecionar os vídeos que utiliza em aula:

Professora 1: Na minha sala de aula, na hora do ensino, eu não uso vídeo, pois nas pesquisas que eu fiz, só encontrei vídeos longos. Eu uso filmes, mas vídeos curtos ainda não. Mas eu quero criar vídeos assim para usar na aula, mas ainda não fiz. Estou aguardando. (...)Eu gosto de vídeos curtos, pois não cansam.

Professor 2: Eu usava materiais do youtube, uso power point também. Mas, percebo que isso dava muito cansaço aos alunos, pois são vídeos de uma hora, mais ou menos, como filme. Não há aprendizado significativo assim. Eu percebi que precisamos de vídeos curtos para não gerar cansaço. Por exemplo, eu já usei do obalibras, algumas piadas que utilizam os classificadores. Rapidamente os alunos riram e compreenderam. Eu perguntei o que eles entenderam, e as explicações foram bem claras. Por isso, vídeos pequenos são melhores.

Como professores surdos, conhecedores das especificidades linguísticas da comunidade e das características da própria língua, somos capazes de produzir nossos próprios materiais. Não podemos mais nos apoiar na ideia de que faltam

materiais, mas, ao contrário, buscamos produzir materiais adequados às nossas necessidades. É muito importante aproveitarmos essa evolução tecnológica para nos expandirmos para além das apostilas, mas aproveitar a vastidão de possibilidades e incrementarmos o rol de materiais didáticos no ensino da Libras.

Os materiais tanto podem ser disponibilizados em sites, ou até mesmo em pendrive. Dessa forma, os alunos terão materiais disponíveis, com qualidade, para revisão em casa. Eles destacaram a importância de continuar a produção desses vídeos:

Professora 1: Sim, consegui conversar com eles a partir dos vídeos, sinalizando. Eu nunca tinha pensado nisso. Parabéns pela ideia. Foi ótima. Nas próximas não vou me preocupar mais. Eu aprendi. Eu não gosto de utilizar sempre as mesmas aulas. Sinto necessidade de mudar, de acordo com os alunos e isso superou todas as minhas expectativas. Foi bem simples, melhor que os textos e resumos e vídeo, porque as vezes os alunos nem leem tudo. Às vezes os alunos copiam da internet os resumos dos livros ou dos vídeos e não dão a opinião real. Agora eu me senti bem melhor, pois eles emitiram opiniões reais. Foi um desafio e no outro semestre vou usar de novo. Ainda bem que tu me convidou para a entrevista. Foi mais fácil pois são vídeos curtos e eu quero fazer vídeos com a cultura surda também. Foi muito prazer. Muito obrigada, pois tu salvou minha vida. Eles gostaram mais dos vídeos porque são situações reais, cotidianas, que acontecem. Ele mostra a cultura surda sim. Os alunos respeitaram e aconteceram algumas discussões. Eu senti que os alunos gostaram, não vi as entrevistas, mas eu percebi que eles entenderam. Eles viram a importância de conhecer a cultura surda, porque no futuro podem encontrar aluno surdo. Eles sentiram seguros por conhecer mais.

Professor 2: eu já havia explicado algumas coisas sobre cultura surda, mas os alunos conseguiram perceber muito mais claramente pelos vídeos. Foi muito melhor do que eu explicar e exemplificar. Eles identificaram como cultura surda. Foi muito importante os vídeos. Eles pediram que os vídeos continuem, pois foi um aprendizado muito mais rápido. Acho muito importante que a produção de vídeos sobre a cultura surda continuem. Quero destacar a importância da presença dos atores surdos, principalmente por se tratar da temática cultura surda.

Todos os professores de Libras vem produzindo mais materiais e atualizando os existentes. Esta pesquisa foi um desafio, a produção de vídeos e a inserção da cultura surda. Quando entregamos um texto para os alunos eles leem, e ficam com

vontade de fazer questionamentos. Mas, com os vídeos eles foram realmente desafiados a pensar sobre o tema, não estava pronto em um texto, eles precisavam pensar a respeito.

O que eu percebi nas entrevistas, também, foi que somos capazes de produzir pensando a partir das nossas próprias experiências e que a troca com os outros professores surdos de Libras pode enriquecer ainda mais essas produções. Isso, pois cada um tem experiências que se assemelham, mas de certa forma também se diferenciam em determinados pontos.

Outro ponto importante são os atores surdos para o reflexo da cultura surda. Nos vídeos anteriores produzidos pelo ObaLibras, como surda, percebi que nem sempre os vídeos sinalizados por ouvintes refletem as singularidades da cultura e da Libras. Mas, com os atores surdos, a sinalização é autêntica e a cultura surda é evidenciada. Percebe-se, com facilidade, quem são os surdos e os ouvintes sinalizando. Opinião dos professores sobre os vídeos:

Professora 1: eu senti ótima. Eu quero esses vídeos, precisamos desses vídeos. Eu vi no Youtube e não tem vídeos assim, precisamos de novidades. Para mim foi ótimo. Eu acho que falta na Furg a produção de materiais. Mas achei ótimo, pois combina com a cultura surda, exatamente. Eu senti muito prazer. Os alunos adoraram, ficaram muito felizes. Foi um prazer.

A professora 1 percebeu uma grande vantagem da utilização dos vídeos nos moldes produzidos:

Professora 1: Com os vídeos eu nem preciso chamar o intérprete, pois eles aprendem dessa forma. Eu não dependi do interprete. Conversamos usando a soletração, sinais, gestos. Eles viram vídeo e isso foi muito positivo, nem precisei da interprete. E isso me deu muito prazer.

Professor 2: Durante a aula eu percebo que os alunos olham apenas para a intérprete e dirigem seus questionamentos para ela. Então, chamo a atenção deles que o professor sou eu e ela é a intérprete. Os Tils são bons, mas sinto que a presença na sala de aula muitas vezes atrapalha, pois se direcionam a ela e não a mim, como se ela fosse o professor. Mas, para esse semestre já decidi que não vou solicitar a presença do Tils. Preparei meus slides sobre o mesmo livro e fui para a aula sem o Tils, afinal de contas, já estão no Libras 2.

Ambos professores fizeram um destaque muito importante em relação aos benefícios dos vídeos, principalmente quando ele torna desnecessária a presença do

intérprete. Isso permite o contato direto dos alunos com os professores, instigando-os e desafiando-os a compreender o que o professor está sinalizando.

A língua de sinais constitui-se não só como forma de comunicação e expressão dos professores surdos, mas também como objeto de ensino e pesquisa, que faz parte da sua expressão de diferença cultural
(CASTRO; MARQUES, 2017, p. 30)

No contato com os professores surdos e sua língua, sem a intermediação do profissional tradutor intérprete, os alunos poderão compreender muito mais a Libras e perceber características da cultura surda na própria sinalização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa pesquisa, retomamos o objetivo geral e os objetivos específicos a que nos propomos alcançar. Pretendíamos produzir vídeos que evidenciassem narrativas da Cultura Surda, a fim de contribuir com materiais para a Disciplina de Libras. Após a apresentação dos vídeos, buscamos conhecer a opinião dos docentes surdos da disciplina de Libras sobre as necessidades de materiais que evidenciem a cultura Surda e também identificar as percepções dos alunos sobre os vídeos, no que diz respeito ao tema.

A maior parte dos alunos que assistiram aos vídeos conseguiram identificar os aspectos da cultura surda que foram apresentados nas três cenas. Um dos vídeos obteve identificação por todos os alunos, enquanto nos outros dois a maioria dos alunos conseguiu identificar. A dificuldade de alguns alunos identificarem o aspecto abordado em algum vídeo se deveu a fatos como mudança de foco da filmagem.

A partir dos vídeos, a maioria dos alunos também conseguiu identificar o que significa a cultura surda, apesar de um dos professores, naquele momento, ainda não ter apresentado em aula aspectos teóricos em relação a ela.

Quanto aos vídeos, os professores demonstraram grande satisfação pela possibilidade de utilizar os vídeos nas aulas, inclusive mencionaram que através deles poderiam dispensar o uso do tradutor intérprete nas aulas.

A resposta mais importante da pesquisa, que ainda está em processo, é a possibilidade de evidenciar a cultura surda. Eu ainda não retornei ao meu trabalho como docente na disciplina de Libras, mas estou ansiosa por poder utilizar os vídeos. Ficou marcado na fala dos professores que apresentaram os vídeos a amplitude e o retorno obtido através deles. São marcas surdas, marcas da cultura surda expressas naqueles dois minutos, que mostraram aos alunos, na prática, qual cultura nós temos.

Ao final da pesquisa percebemos que ela pode contribuir para a melhoria da disciplina de Libras, pois mostra a cultura surda, como parte importante do conteúdo que precisa ser explorado nas aulas. Mostra que, além dos textos, são necessários vídeos para os alunos, mas vídeos que os desafiem a compreender o que é a cultura surda.

A pesquisa pode contribuir, também, para ampliar a aprendizagem dos alunos, pois são percepções práticas e reais do que é a cultura surda e o jeito surdo de ser. Com os vídeos os professores podem explorar a temática e ir para além das categorias e grupos de sinais ensinados, como tem sido há anos praticado. Eu acredito que os alunos possam aprender muito mais dessa forma, do que apenas lendo textos teóricos. Às vezes os alunos têm dificuldades para compreender com clareza, mas esses materiais possibilitam maior compreensão e identificação do que é a cultura surda.

A pesquisa também contribui com a Universidade, pois os vídeos são uma inovação não apenas na produção de materiais, mas para o aprimoramento da disciplina, ofertada com maior qualidade aos alunos. A pesquisa também contribui com a comunidade surda, pois mais pessoas podem ter acesso ao que é a cultura surda através dos vídeos na disciplina.

Outro ganho da pesquisa é a melhoria da prática dos professores de Libras. Eles mencionam a inovação e a qualidade dos vídeos para utilização na disciplina, pois estão cansados de sempre utilizar as mesmas coisas, os mesmos textos, os mesmos materiais.

Por último, percebo que a pesquisa contribuiu para a minha melhoria como pesquisadora, pois percebi o aumento substancial do conhecimento não apenas dos conceitos da área da Educação de surdos, mas das capacidades dos professores, atores e demais pessoas surdas. Eu sinto que, através da produção de mais vídeos como esse, posso sentir maior satisfação no ensino e, conseqüentemente, melhoria no aprendizado dos alunos. O projeto Obalibras pode evidenciar ainda mais a cultura surda nos vídeos que forem produzidos, ainda mais com as contribuições da pesquisa, dos professores surdos e da observação dos alunos. A pesquisa me proporcionou retornar o prazer e a expectativa de ensinar com qualidade. Futuramente, pretendo produzir mais vídeos que mostrem outras possibilidades de artefatos da cultura surda.

REFERÊNCIAS

ALBERTON, Bruna Fagundes Antunes, ROSA, Emiliana Faria. **A disciplina de Libras e a produção de material didático: um estudo de caso**. Revista INES, Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. **Decreto-lei n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dez. 2000. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso: 20 jul. 2019.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 10 jul. 2019.

CASTRO, F; MARQUES, S. **O professor de libras surdo no ensino superior: desafios e perspectivas na atualidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 169 p.

GESSER, A. **Metodologia de Ensino em LIBRAS como L2**. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL2/assets/629/TEXTOBASE_MEN_L2.pdf. Acesso em: 28 set. 2017.

GESSER, Audrei. **“Um olho no professor surdo e outro na caneta”**: ouvintes aprendendo a língua de sinais. 2006. 219 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271029>. Acesso em: 6 ago. 2018.

GOMES, A. **O imperativo da cultura surda no plano conceitual: emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursivos**, 2011.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LACERDA, Cristina B.F. **Intérprete de Libras**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LEBEDEFF, Tatiana B; ROSA, Fabiano Souto. **Percursos no Ensino de Língua de sinais: Encontros teóricos e práticas docentes**. Revista INES, Rio de Janeiro, 2016.

LEFFA, V. **Como produzir materiais para o ensino de línguas**. Produção de materiais de ensino: teoria e prática. Pelotas: Educat, 2007. 206p.

MALHEIROS, B.T. **Metodologia de Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

NEVES, Sylvia Lia Grespan. **Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de língua brasileira de sinais para ouvintes**. 2011. 128 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, UNIMEP, 2011.

OLIVEIRA, S. R. N. **Educação e formação de professores surdos: contextos, inserções, dilemas e desafios**. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, FGV, 2014.

PÊGO, Carolina Ferreira; REICHERT, Andre Ribeiro; DINARTE, Luiz Daniel Rodrigues. **Línguas de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas 306 Deaf Gain e o ensino de Libras**. Revista Leitura, v.1, n. 57, p. 306-319, jan./jun. 2016.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinais/assets/459/Texto_base.pdf. Acesso em: 05 dez. 2018.

REBOUÇAS, Larissa silva. **A Prioridade docentes surdos para ensinar a disciplina língua brasileira de sinais (libras) nas instituições de ensino superior após o decreto 5.626/2005**. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11121>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SANTOS, Angela Nediane dos. **Efeitos discursivos da inserção obrigatória da disciplina de Libras em cursos de licenciatura no Brasil**. 2016. 402 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: UFPel: 2016.

SCHRÖTER, Brigitte Augusta. **Jogos e o ensino de línguas**. Orientador: Juíza Fialho Vazzata. 2004. 254 f. Dissertação (Mestrado da Educação e Cultura) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Joinville: UDESC, 2004.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008. p 118.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Tradução Francisco Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, M; LESSARD, C **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: você Vozes, 2005

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. 12. ed. São Paulo: Libertad, 2004. v. 1.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. A elaboração de materiais didáticos de línguas estrangeiras: autoria, princípios e abordagens. Cadernos do CNLF, v. XVI, n. 4, Rio da Janeiro. **Anais XVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, Instituto de Letras da UERJ, 27 a 31 de agosto de 2012, p. 51-60. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/publicacoes.html. Acesso em: 20 abr. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICE A - Questionário

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA

PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Prezado graduando:

Meu nome é Ivana Gomes da Silva, sou surda e mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação no Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. Meu orientador é o Prof Raymundo Ferreira Filho e minha coorientadora é a Profª Tatiana Bolivar Lebedeff. O meu projeto de pesquisa tem como título “ObaLibras: materiais didáticos sobre a cultura surda para o ensino da Libras na graduação”, cujo objetivo geral é identificar as percepções dos alunos ouvintes acerca da cultura surda, na disciplina de Libras, através da utilização de vídeos em Libras na sala de aula. Portanto, sua participação nessa pesquisa é imprescindível. Peço que, após assistir aos vídeos que o professor lhe apresentar, responda às perguntas abaixo. Muito obrigada pela sua participação.

1. Qual curso você estuda? _____
2. Quantas aulas você já teve da disciplina de Libras? _____
3. Seu professor (a) já explicou o que é cultura surda? _____
4. O que você entendeu sobre cada um dos vídeos sinalizados?

Vídeo 1 – Ruído visual: _____

Vídeo 2 – Mastigar e conversar, pode? _____

Vídeo 3 – Campanha luminosa: _____

5. Sobre as experiências na vida dos surdos apresentadas no vídeo, você percebeu diferenças entre o que acontece com os ouvintes e os surdos? Comente a respeito.

6. Com base nos vídeos assistidos, você saberia dizer o que é cultura surda e se ela está ali representada? Se sim, quais exemplos da cultura surda você percebeu nos vídeos?

7. Na dinâmica da sala de aula com o professor surdo ou nas experiências relatadas por ele, você percebeu mais alguns aspectos da cultura surda?

8. Sobre os vídeos, assinale:

Perguntas	Sim	Não
A sinalização foi clara?		
O ritmo da sinalização foi em velocidade adequada para sua compreensão?		
O cenário estava adequado?		
Você percebeu diferença na forma de sinalizar dos atores?		
Você sentiu satisfação ao assistir aos vídeos?		
Faça sugestões ou considerações que achar necessária para a produção de novos vídeos: <hr/> <hr/> <hr/>		

APÊNDICE B - Questionário**INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE***CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA***PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**

Prezado professor:

Meu nome é Ivana Gomes da Silva, sou surda e mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação no Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. Meu orientador é o Prof Raymundo Ferreira Filho e minha coorientadora é a Profª Tatiana Bolivar Lebedeff. O meu projeto de pesquisa tem como título “ObaLibras: materiais didáticos sobre a cultura surda para o ensino da Libras na graduação”, cujo objetivo geral é identificar as percepções dos alunos ouvintes acerca da cultura surda, na disciplina de Libras, através da utilização de vídeos em Libras na sala de aula. Portanto, sua participação nessa pesquisa é imprescindível. Peço que apresente aos alunos os três vídeos sobre a cultura surda e entregue a eles os questionários. Após isso, por favor, responda às perguntas. Muito obrigada pela sua participação.

1. O que você sentiu ao assistir os vídeos?

2. Qual a percepção que você teve sobre os sentimentos dos alunos ao assistirem aos vídeos?

3. Você acha que os vídeos mostraram aspectos da cultura surda? Eles contribuirão para os alunos compreender melhor o que ela significa? Comente a respeito.

4. Você costuma apresentar vídeos sinalizados nas aulas? Comente sobre aspectos que considera importante para selecionar os vídeos: tempo de duração, local de sinalização, temática, atores, etc.

5. Quais recursos você utiliza para explicar aos alunos sobre cultura surda?
(vídeos, power point, experiências pessoais e outros surdos, livros, etc.)

6. Na produção de vídeos para utilização na sala de aula, o que você considera importante para evidenciar a cultura surda? Aconselhe-nos para a produção de novos vídeos.

APÊNDICE C - Questionário

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a)

Meu nome é Ivana Gomes da Silva, e sou mestranda do curso de Mestrado Profissional em Ciências e Tecnologias na Educação do Instituto Federal Sul-RioGrandense, *campus* Pelotas Visconde da Graça, sob a orientação do Profº. Raymundo Ferreira Filho.

Minha pesquisa tem como título “ObaLibras: materiais didáticos sobre a cultura surda para o ensino da Libras na graduação”, cujo objetivo geral é identificar as percepções dos alunos ouvintes acerca da cultura surda, na disciplina de Libras, através da utilização de vídeos em Libras na sala de aula.

Solicitamos a sua colaboração para a entrevista que terá, no máximo, uma hora de duração, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que a entrevista pode causar desconforto para o participante da pesquisa como, por exemplo, cansaço, mas que pode ser interrompida a qualquer momento para minimizar esse desconforto. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição, se for o caso. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável



Considerando que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos como divulgação em eventos e publicações. Estou ciente que receberei uma via desse documento.



Pelotas, ____ de _____ de 2018

Assinatura do participante ou responsável legal


Contato com o Pesquisador (a) Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor enviar e-mail para a pesquisadora igds76@gmail.com ou no *campus* do Instituto Federal Sul-Rio Grandense, Arco Iris– Pelotas - RS. CEP: 96060-290. Fone: (53) 3309-5550.

APÊNDICE D – Vídeos Produzidos

VÍDEO RUIÍDO VISUAL		
SINOPSE	Link para Youtube	QRCODE
<p>Quatro estudantes assistem aula. De repente, duas que estão sentadas à frente começam a conversar em Libras, atrapalhando a concentração dos estudantes que estão atrás.</p>	<p>https://youtu.be/n6Qu2aK4GSA</p>	
		
VÍDEO MASTIGAR E CONVERSAR, PODE ?		
SINOPSE	Link para Youtube	QRCODE

<p>Três pessoas estão sentados na mesa, o rapaz</p> <p>serviu o café para cada,</p> <p>elas estão mastigando e conversando em Libras.</p>	<p>https://youtu.be/LlhqWNYHTBQ</p>	
		

<p>VÍDEO CAMPAINHA DE VISUAL</p>		
<p>SINOPSE</p>	<p>Link para Youtube</p>	<p>QRCODE</p>
<p>Duas alunas estão apertando a campainha.</p> <p>Um professor de Libras na outra sala viu aparecer a campainha luminosa.</p> <p>Levantou e abriu a porta.</p>		

<p>Elas perguntaram se a professora Larissa está, o professor disse que não e a aluna pergunta se ele pode entregar os livros para professora Larissa. O professor respondeu que claro que pode e as duas agradeceram.</p>	<p>https://youtu.be/GcZENw_Rt6U</p>	
--	--	---



APÊNDICE E - Produto Educacional



Produção e Avaliação de vídeos sobre cultura surda para o ensino de Libras na graduação: um estudo de caso do Obalibras

Ivana Gomes da Silva





Elaboração, distribuição e informações: INSTITUTO FEDERAL SUL-RIOGRANDENSE Campus Visconde da Graça Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação

Av. Ildelfonso Simões Lopes, 2791 • Bairro Arco-Iris • Pelotas/RS

CEP: 96060-290

Telefone (53) 3309-5550 www.cavg.ifsul.edu.br

Elaboração:

Me. Ivana Gomes da Silva

Prof. Dr. Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Profa. Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff

Este produto educacional do meu projeto dissertação de mestrado Produção e Avaliação de vídeos sobre cultura surda para o ensino de Libras na graduação: um estudo de caso do Obalibras da aluna Ivana G. da Silva, do Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias na Educação sob orientação do prof. Dr. Raymundo Ferreira Filho e Profa. Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff



INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA

**Produção e Avaliação de vídeos sobre cultura surda para o ensino de Libras na
graduação: um estudo de caso do Obalibras**

Ivana gomes da silva

Prof. Dr. Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho Profa.

Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff



INTRODUÇÃO

A regulamentação da Lei nº 10.436/02 (BRASIL, 2002), através do Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005) determinou, entre outros pontos importantes, a inserção da disciplina de Língua Brasileira de Sinais – Libras, nos cursos de formação de professores, seja nos cursos normais do Ensino Médio ou nas licenciaturas da Graduação.

Atualmente participo do projeto ObaLibras, que tem como objetivo desenvolver vídeos na perspectiva de objetos de aprendizagem para o ensino da Libras. O projeto será apresentado mais adiante nesse estudo. Porém, preciso demarcar que percebi, durante a produção dos vídeos, a possibilidade de elaboração de roteiros que apresentem a cultura Surda, de modo a deixar mais evidente para os alunos ouvintes algumas especificidades da comunidade surda, para além da língua. No mesmo sentido, propor a produção de vídeos com a atuação de roteiristas, diretores e atores surdos, possibilita, também, o reconhecimento das capacidades dessa comunidade. Desta forma, propõe-se, neste trabalho, a produção de vídeos para o ensino de Libras que tenham, como foco de narrativa, a cultura Surda.



JUSTIFICATIVA

Com esse trabalho abre-se a possibilidade futura de, também, oportunizar o ingresso de algum acadêmico surdo no curso de Cinema de Animação. Sendo assim, os objetivos da disciplina é apresentar não apenas a língua, mas a cultura onde ela está inserida. Por isso, é necessária a produção de materiais que evidenciem a cultura Surda, a fim de perceberem as diferenças, proximidades e distanciamentos entre a cultura Surda e ouvinte.

O PROBLEMA DE PESQUISA

- Como o uso de vídeos em Libras, produzidos por atores surdos podem potencializar a percepção dos alunos sobre a cultura Surda?
- Para além da Libras, como a disciplina no ensino superior tem possibilitado aos alunos compreender o que é a cultura Surda, a fim de conhecer o mundo surdo?



OBJETIVO GERAL

Produzir materiais didáticos de Libras, em formato de vídeo, que contribuam para a compreensão da cultura Surda.

OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Produzir vídeos que evidenciem narrativas da Cultura Surda, para uso na disciplina de Libras;
- Conhecer a opinião dos docentes surdos da disciplina de Libras sobre as necessidades de materiais que evidenciem a cultura Surda;
- Identificar as percepções dos alunos sobre os vídeos, no que diz respeito à cultura Surda.

A CULTURA SURDA

Partindo desse conceito, começamos a refletir sobre a cultura Surda, que é assim designada por se tratar da cultura vivenciada pelas pessoas surdas. A cultura Surda tem ligação direta com as formas de agir dessas pessoas, pois é o que lhe dá sentido e significação de mundo. Conforme Strobel (2008):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008, p. 24).

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

A Libras é a língua utilizada pela comunidade surda brasileira, como meio de expressão e comunicação entre os próprios surdos e, também com os ouvintes que são sinalizadores. A Libras não é formada apenas por sinais, mas é uma língua capaz de expressar ideias de forma abstrata, em todos os contextos.

O reconhecimento da Libras como língua da comunidade surda é uma conquista singular. É uma forma de promover a constituição das identidades surdas, permitir a manifestação em sua língua e a expansão desse conhecimento para as demais pessoas da sociedade. Dessa forma, é crescente a oportunidade de comunicação em todos os espaços da sociedade.

A DISCIPLINA DE LIBRAS

A inserção dessa disciplina é fundamental para que os futuros licenciados percebam que a Libras é a língua dos surdos. Apesar de ser uma disciplina obrigatória, o futuro docente precisa perceber a necessidade de estar preparado para receber um aluno surdo em sua sala, ou até mesmo comunicar-se com um surdo. A disciplina também é a formadora de representações sobre quem é o surdo, suas identidades, sua forma de estar e viver no mundo. A disciplina não é apenas para o conhecimento dos sinais, mas para o reconhecimento de que nós, os surdos, podemos ser o que quisermos.

A disciplina de Libras é obrigatória nos cursos de Licenciatura, com o objetivo de estabelecer uma comunicação entre surdos e ouvintes. Porém, apenas a disciplina não é o suficiente para desenvolver uma comunicação satisfatória com os surdos. Dessa forma, estabelecer uma rotina de manter contato com os surdos, ao menos

duas vezes por semana e, também, assistir vídeos disponíveis em Libras (existem muitos projetos que disponibilizam vídeos no YouTube, tais como LibrasTri; além disso, costumo compartilhar, com os alunos, os vídeos produzidos na área de Libras da UFPel) poderão auxiliar na obtenção da fluência e evitam o esquecimento dos sinais. Assistir aos vídeos indicados pelos professores também auxiliam na revisão dos sinais vistos em aula. Esses vídeos são importantes, também, para compreender que há variações linguísticas nos sinais dentre surdos de outras regiões do País. Muitos ouvintes se remetem à Libras como uma língua linda, mas esquecem do comprometimento necessário por ser a língua de uma comunidade, que tanto lutou pelo seu reconhecimento através de Decreto.



O ObaLibras

O Obalibras é um projeto desenvolvido na área de Libras da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, desde março de 2018 e conta com a participação de cinco professores de Libras dessa instituição, dentre surdos e ouvintes, cinco alunos da graduação em Letras Libras Uniasselvi, cinco tradutores intérpretes da Libras da UFPel e um bolsista do curso de Cinema de animação.

O projeto cria os roteiros com base no Quadro Comum Europeu de Referência para o ensino de Línguas. Os roteiros são elaborados por professores de Libras surdos e ouvintes e por Tradutores e Intérpretes de Libras. Além da produção dos roteiros, a equipe atua nos vídeos. Já foram produzidos 16 vídeos com pequenas narrativas e, vídeos de glossário para cada episódio⁷.

No início do projeto, nos dedicamos a estudar questões teóricas sobre o ensino da Libras, bem como buscar trabalhos já desenvolvidos na área da produção de Minha experiência no projeto ObaLibras começou com uma discussão sobre os três temas, com pontos positivos e negativos, sendo esses em menor número. Foi um trabalho intenso de discussões sobre os roteiros. Com os roteiros definidos, iniciamos o treino das encenações e a organização dos takes de câmera. Anteriormente tínhamos no projeto um bolsista que fazia as filmagens e era formado na área. Porém, com sua saída, outra pessoa sem formação deu continuidade às filmagens. vídeos para a

⁷ Disponível em:

<https://www.facebook.com/surdalidades/photos/a.354534317912494/357040400995219/?type=3&t heater>

disciplina ou para o ensino de alguma língua estrangeira. Segundo Lebedeff *et al* (2018).

a) Roteiro 1: Ruído visual

Sinopse: Quatro alunos surdos estão assistindo aula em Libras. Enquanto os dois alunos sentados atrás tentam assistir a aula, os dois alunos da frente conversam em Libras, prejudicando a visualização do professor pelos alunos atrás deles.



Disponível em: <https://youtu.be/WCQoa3-tb0M>.



b) Roteiro 2: Mastigar e conversar: pode?

Sinopse: Três pessoas surdas conversam enquanto saboreiam um gostoso café colonial. Enquanto mastigam seguem sinalizando.

Figura 4 – Tirinha *That Deaf Guy*



Fonte: Fanpage Surdalidades (2012)⁸

⁸ Disponível em: <https://proincluir.org/surdez/cultura-surda/>.

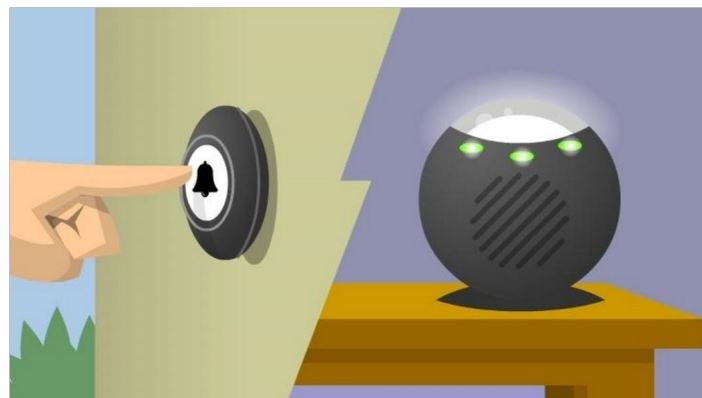


Fonte: <https://youtu.be/LIhqWNYHTBQ>

c) Roteiro 3: Campanha visual

Sinopse: Um professor surdo está na sala de Libras, quando toca a campainha luminosa e ele atende duas alunas que sinalizam com ele.

Figura 5 – Campanha para surdos



Fonte: Bisol e Valentini (s.d.)



Fonte: https://youtu.be/GcZENw_Rt6U





PERCEPÇÕES SOBRE OS VÍDEOS

A primeira pergunta sobre os vídeos foi “O que você entendeu sobre cada um dos vídeos sinalizados?”. O intuito dessa pergunta era perceber se os alunos conseguiram compreender o que os vídeos significavam, pois através das suas respostas é possível avaliar se os vídeos estavam claros ou não.


Durante a leitura das respostas, através do vocabulário utilizado e, também, da clareza das respostas, foi possível perceber que os alunos sentiram muito prazer ao assistir os vídeos.

Tabela 4 – Entendimento dos alunos sobre os vídeos

	VÍDEOS COMPREENDERAM	NÃO COMPREENDERAM
1 – Ruído visual	29 alunos	0 alunos
2 – Mastigar e conversar, pode?	18 alunos	11 alunos
3 – Campanha luminosa	20 alunos	9 alunos


Fonte: Elaborado pela autora (2019).



VÍDEO RUÍDO VISUAL		
SINOPSE	Link para Youtube	QRCODE
<p>Quatro estudantes assistem aula. De repente, duas que estão sentadas à frente</p> <p>começam a conversar em Libras, atrapalhando a concentração dos estudantes que estão atrás.</p>	<p>https://youtu.be/n6Qu2aK4GSA</p>	




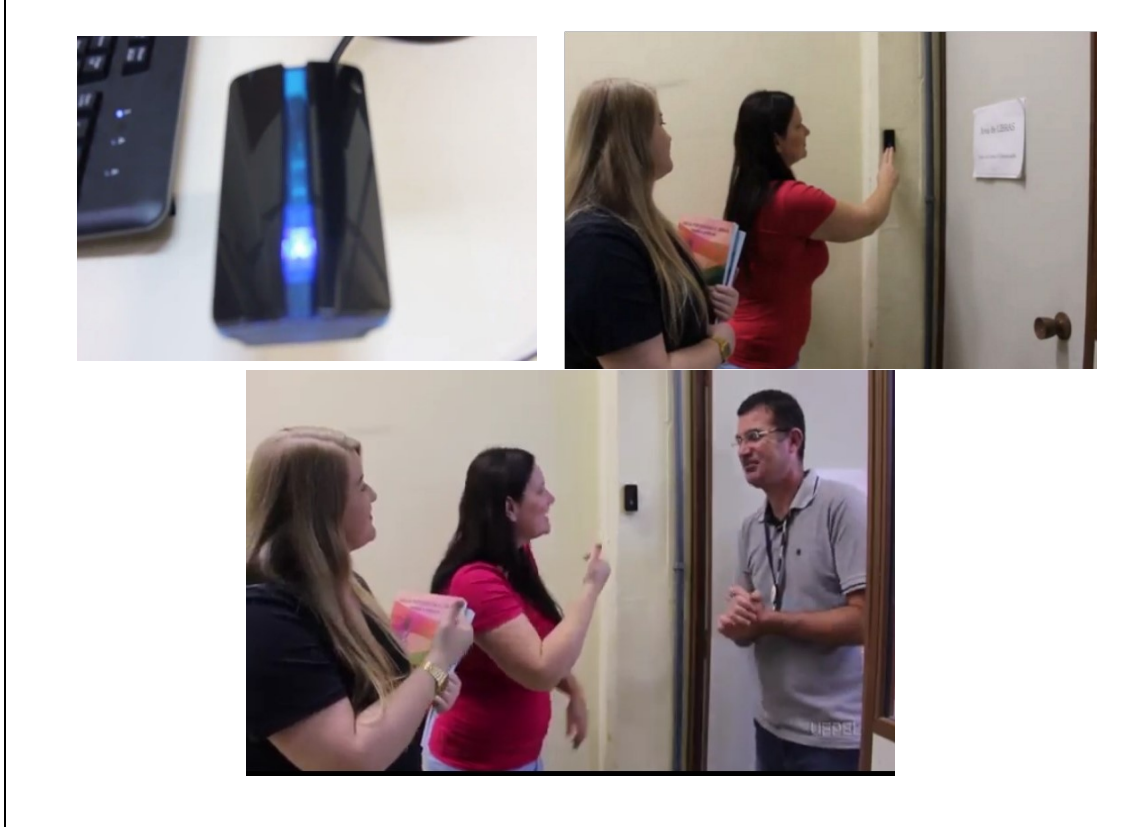
VÍDEO MASTIGAR E CONVERSAR, PODE ?

SINOPSE	Link para Youtube	QRCODE
<p>Três pessoas estão sentados na mesa, o rapaz</p> <p>serviu o café para cada, elas estão mastigando e conversando em Libras.</p>	<p>https://youtu.be/LIhqWNYHTBQ</p>	



VÍDEO CAMPAINHA DE VISUAL

SINOPSE	Link para Youtube	QRCODE
<p>Duas alunas estão apertando a campainha. Um professor de Libras na outra sala viu aparecer a campainha luminosa. Levantou e abriu a porta. Elas perguntaram se a professora Larissa está, o professor disse que não e a aluna pergunta se ele pode entregar os livros para professora Larissa. O professor respondeu que claro que pode e as duas agradeceram.</p>	<p>https://youtu.be/GcZENw_Rt6U</p>	



REFERÊNCIAS

ALBERTON, Bruna Fagundes Antunes, ROSA, Emiliana Faria. A disciplina de Libras e a produção de material didático: um estudo de caso. **Revista INES**, Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. **Decreto-lei n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dez. 2000. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso: 20 jul. 2019.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 10 jul. 2019.

CASTRO, F; MARQUES, S. **O professor de libras surdo no ensino superior: desafios e perspectivas na atualidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 169 p.

GESSER, A. **Metodologia de Ensino em LIBRAS como L2**. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL2/assets/629/TEXTOBASE_MEN_L2.pdf. Acesso em: 28 set. 2017.

GESSER, Audrei. **Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a língua de sinais**. 2006. 219 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271029>. Acesso em: 6 ago. 2018.

GOMES, A. **O imperativo da cultura surda no plano conceitual: emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursivos**, 2011.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LACERDA, Cristina B.F. **Intérprete de Libras**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LEBEDEFF, Tatiana B; ROSA, Fabiano Souto. **Percursos no Ensino de Língua de sinais: Encontros teóricos e práticas docentes**. Revista INES, Rio de Janeiro, 2016.

LEFFA, V. **Como produzir materiais para o ensino de línguas**. Produção de materiais de ensino: teoria e prática. Pelotas: Educat, 2007. 206p.

MALHEIROS, B.T. **Metodologia de Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

NEVES, Sylvia Lia Grespan. **Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de língua brasileira de sinais para ouvintes**. Orientadora: Cristina Boglia Feitosa de Lacerda. 2011. 128 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, UNIMEP, 2011.

OLIVEIRA, S. R. N. **Educação e formação de professores surdos: contextos, inserções, dilemas e desafios**. Orientadora: Maria Esther de Freitas. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, FGV, 2014.

PÊGO, Carolina Ferreira; REICHERT, Andre Ribeiro; DINARTE, Luiz Daniel Rodrigues. **Línguas de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas 306 Deaf Gain e o ensino de Libras**. Revista Leitura, v.1, n. 57, p. 306-319, jan./jun. 2016.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em:
http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinais/assets/459/Texto_base.pdf. Acesso em: 05 dez. 2018.

REBOUÇAS, Larissa silva. **A Prioridade docentes surdos para ensinar a disciplina língua brasileira de sinais (libras) nas instituições de ensino superior após o decreto 5.626/2005**. Orientador: Miguel Angel García Bordas. Coorientadora: Nídia Regina Limeira Sá. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2009. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11121>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SANTOS, Angela Nediane dos. **Efeitos discursivos da inserção obrigatória da disciplina de Libras em cursos de licenciatura no Brasil**. Orientadora: Madalena Klein. 2016. 402 f. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: UFPel: 2016.

SCHRÖTER, Brigitte Augusta. **Jogos e o ensino de línguas**. Orientador: Juiça Fialho Vazzata. 2004. 254 f. Dissertação (Mestrado da Educação e Cultura) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Joinville: UDESC, 2004.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008. p 118.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Tradução Francisco Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, M; LESSARD, C **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: você Vozes, 2005

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 12. ed. São Paulo: Libertad, 2004. v. 1.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. A elaboração de materiais didáticos de línguas estrangeiras: autoria, princípios e abordagens. Cadernos do CNLF, v. XVI, n. 4, Rio da Janeiro. **Anais XVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, Instituto de Letras da UERJ, 27 a 31 de agosto de 2012, p. 51-60. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/publicacoes.html. Acesso em: 20 abr. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

